

CRÓNICA // PÁG. 12

**George Shaw e os interesses britânicos**

// Eugénio Lisboa

RAZOAR // PÁG. 19

**A flecha de Nemrod**

// Paulo Ferreira da Cunha

TEATRO // PÁG. 20

**In memoriam António Pedro**

// Castro Guedes

EDUCAÇÃO // PÁG. 21

**A revisão da estrutura curricular**

// António Oliveira

# AS ARTES ENTRE AS LETRAS

DIRECTORA: NASSALETE MIRANDA | 11 JANEIRO DE 2012 | Nº66 | PREÇO: 2 EUROS | QUINZENALMENTE ÀS QUARTAS

ISSN: 1647-290X

**ARRANQUE OFICIAL DE GUIMARÃES 2012 JÁ NO PRÓXIMO DIA 21**

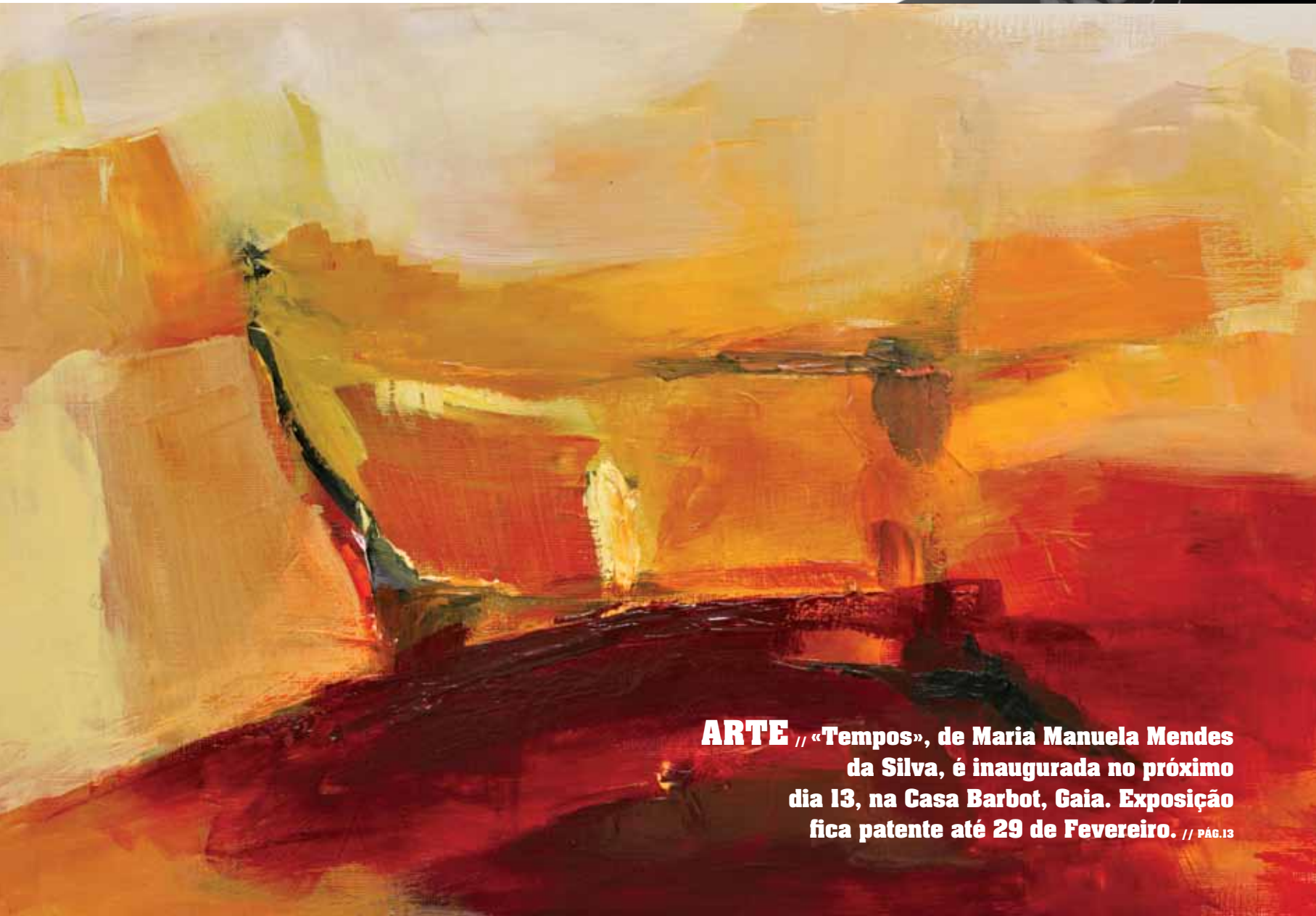
## Revolução cultural em curso

**ENTREVISTA // A Capital Europeia da Cultura vai transformar Guimarães, incentivando uma economia criativa, internacionalmente competitiva e geradora de novo emprego.**

**O presidente da Fundação que está a preparar a CEC, João Serra, acredita ainda que o evento, que arranca já no próximo dia 21, vai promover uma revolução cultural. // PÁGS. 4 e 5**



EM NOTÍCIA // PÁG. 25



**ARTE // «Tempos», de Maria Manuela Mendes da Silva, é inaugurada no próximo dia 13, na Casa Barbot, Gaia. Exposição fica patente até 29 de Fevereiro. // PÁG. 13**



**Nassaete Miranda**  
directora

## Entre Sentidos

Nesta primeira edição de 2012 deixo as previsões do que vai ser o novo ano para todos os que já as fizeram e os restantes que teimam ainda fazê-las: “Astrólogos”, “ideólogos”, “polítólogos”, “cartomantes”, “mães de santo”, “bruxos”, “adivinhadores” e outros “senhores”, simplesmente porque com facilidade (talvez até demasiada) consegue-se perceber o que nos espera. Assim sendo, e porque “a vida consiste, não em ter boas cartas, mas em jogar bem com as que se tem”, teremos todos e cada um de nós de fazer com que as previsões catastróficas não nos atirem para o grupo dos “depressivos” e dos “deprimidos”. Dos incontáveis emails que recebi nestes últimos dias a pressagiarem o apocalipse do País, da Europa e do mundo, houve um que me chamou a atenção: “Desejo-lhe um Feliz 2013 – o 2012 é para esquecer”. Com vossa licença, aproveito para responder; Obrigada, caro leitor, mas acontece que eu não quero esquecer o que ainda não vivi, e eu quero viver 2012 intensamente. Quero ler a notícia de que o Porto é a melhor Cidade

de 2012 e que Guimarães consegue ser, de facto, a Capital Europeia da Cultura, pelo que não vai esquecer os artistas vimeiranos (e portugueses) de todas as áreas, da pintura à escultura, da música à dança, do teatro à literatura.

Quero ver os primeiros passos do Leonardo e do Martin, o diploma de licenciatura da Mízé...quero ver a Mãe apagar as 79 velas e cantar os parabéns no 50º aniversário da Maria.

Quero rir com a Blé e o Francisco, quero ver a Illi, Sofia, Silvia e César fora da doença, quero continuar a ouvir o Renato a arrancar do piano as mais sentidas improvisações e a Catarina a falar timidamente do primeiro namoro...

Quero saber dos êxitos dos meus amigos que estão em terras de África e da América, quero partilhar a felicidade dos que vão conseguir concretizar os seus sonhos e projectos...

Quero estar com as lágrimas da Teresa, as zangas da Manuela, as anedotas da Nair, a boa disposição do Ricardo, o charme do Miguel.

Quero chegar diariamente a este jornal e ver nos olhos de todos a esperança e a força dos que resistem sem se deterem perante respostas de “não cabimento” e de “restrições e cortes orçamentais” que são, infelizmente, em número crescente.

Quero receber emails, sms, telefonemas, cartas, postais, de leitores, amigos, conhecidos e desconhecidos que me, e nos, incentivam. São pontos de luz no nosso caminho.

Quero ver a cada dia a produção de riqueza em vez de pobres, quero continuar a indignar-me, quero...quero mais, muito mais de quem governa, de quem tem poder para criar um Estado forte com coesão social...

Caro leitor, simplesmente, quero viver, deste meu jeito, com os pés firmes na terra, o coração junto de quem me abraça e uma fé ilimitada na capacidade criativa e solidariedade social e cultural de todos os que, como eu, vão “pelo sonho”.

Repito os meus, e nossos votos de um Feliz 2012 Para todos, boas leituras em artes feitas.

### ENTRE NÓS

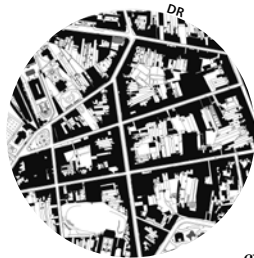
## Bairro das Artes

Paulo Francisco Carvalho

As ruas Miguel Bombarda, do Breiner, do Rosário, D. Manuel II, Adolfo Casais Monteiro, da Boa Nova, Largo da Maternidade de Júlio Dinis e Rua da Maternidade estão incluídas no projecto «Bairro das Artes Circuit», integrado no Festival TRANSdisse 2012 – O Ano Do Bairro.

Organizada pela Associação Cultural Terra na Boca, a iniciativa promete, durante 12 meses, impulsionar “pujantemente arte, cultura e... muito mais”.

O directo artístico e programador, Luciano Amarelo, explicou ao Artes que, num movimento conjunto, que reúne de antemão 23 bairristas, será activado o potencial comunitário, comercial, artístico e turístico do Bairro das Artes, com propostas conjuntas, de qualidade, diárias e em permanência”.



No próximo dia 21 – dia de inaugurações simultâneas – a Associação vai apresentar ao público os projectos e os primeiros aderentes, sendo que estão a ser criados de raiz iniciativas e circuitos temáticos. No entanto, o primeiro circuito já está no terreno. Trata-se do Circuito Eco-Social, com Pedro Jorge Pereira, todas as sextas-feiras, das 10 às 13 horas (inscrição até dois dias antes). Segundo a Terra na Boca, estes circuitos eco-sociais funcionam de forma informal e são visitas com um grau de proximidade muito elevado que permitem “um partilhar de experiências, conhecimentos e visões sobre a cidade do Porto e todas as suas complexidades”.

### NOTA

O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.

### CONSELHO EDITORIAL

Arnaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luís | António Vitorino d'Almeida | António Joaquim Oliveira | Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo | Francisco Ribeiro da Silva | Helder Pacheco | José Atalaya | José Rodrigues | Levi Guerra | Lúcia Jorge | Luísa Dacosta | Manoel de Oliveira | Mário Cláudio | Miguel Veiga | Óscar Lopes | Salvato Trigo | Urbano Tavares Rodrigues

### COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | António José Queiroz | Armando Alves | Carlos Cabral Nunes | Carlos Vaz | Cristiano Cortes | Domingos Lobo | Eugénio Lisboa | Francisco d'Eulália | Isabel Ponce de Leão | João Medina | Jorge Sanglard | J. Esteves Rei | Lauro António | Manuel Sobrinho Simões | Maria Antónia Jardim | Paulo Ferreira da Cunha | Ramiro Teixeira | Rodolfo Alonso | Rudesindo Soutelo

### PARCERIAS



### APOIOS



## PARA ASSINAR

Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq. | 4050-012 Porto  
Telefone e Fax: 22 606 35 56 | Telemóvel - 91 803 56 76 | E-mail: artes.entreltras@gmail.com  
Desejo receber As Artes entre as Letras, 50 euros / ano | Transferência bancária para o n.º 0033-0000-4537747275-05 ou envio de cheque

Para assinar online: [www.artesentreltras.com.pt](http://www.artesentreltras.com.pt)



SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.  
Capital Social: 5.000 €  
Número de Certidão: 0232-6801-3200  
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS  
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.  
4050-012 Porto  
Telefone e Fax: 22 606 35 56  
Telemóvel - 91 803 56 76  
E-mail: singplur@gmail.com  
Publicidade  
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.  
4050-012 Porto  
Telefone e Fax: 22 606 35 56  
Telemóvel - 91 803 56 76  
E-mail: singplur@gmail.com



**Directora:** Nassaete Miranda; **Editora:** Isabel Fernandes; **Jornalista:** Paulo Francisco Carvalho;  
**Fotografia:** Ângela Velhote; **Direção Comercial:** Maria José Guedes; **Grafismo:** Pedro Cunha;  
**Paginação:** Pedro Cunha; **Site:** Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira | **Contactos:** Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º esq. | 4050-012 Porto; **Telefone e Fax:** 22 606 35 56; **Telemóvel:** 91 803 56 76; **Email:** artes.entreltras@gmail.com; **Registo na ERC:** 125685  
**Impressão:** Selector - Artes Gráficas, LDA - Rio Tinto - Telef.: 22 485 42 90  
**Distribuição:** VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Gajal - Venda Seca 2739 - 511 Agualva Cacém - Telef.: 21 433 70 00 - Pontos de Venda: contactcenter@vasp.pt - Telef.: 80820655 - Fax: 80820613  
**Propriedade:** Singular Plural | **NIF:** 509578942 | **Tiragem:** 1250 exemplares  
Interditada a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais



**Guilherme d'Oliveira Martins**

## Um justíssimo prémio

A atribuição do Prémio Pessoa a Eduardo Lourenço constitui um ato de elementar justiça. Estamos perante o pensador contemporâneo português de maior relevância. É o grande ensaísta da reflexão sobre a identidade portuguesa e a sua projeção universal. É um homem da modernidade e um ensaísta de dimensão europeia e mundial, sobretudo por quanto escreveu sobre Fernando Pessoa (o rei da nossa Baviera), a revista *Orpheu* e sobre o lugar do modernismo português, visto no longo prazo da nossa cultura, desde Camões à Geração de Setenta, passando pelos românticos, Herculano e Garrett. Seguidor de Antero de Quental e dos seus amigos, representa hoje a síntese fecunda entre a crítica e a procura de fatores de mobilização da sociedade contra o torpor da indiferença. Num momento de crise, é importante reconhecer o papel de um cidadão e de um pensador que faz das ideias, da crítica e da interrogação dos mitos um sinal de esperança contra o fatalismo do atraso ou a tentação da desistência. Grande interrogador da Europa de hoje, Eduardo Lourenço apela à congregação de vontades e à argúcia da crítica exigente – contra a indiferença e pela criação cultural.

A constante presença de Eduardo Lourenço na reflexão sobre os acontecimentos, a literatura e a vida, sobre Portugal e a Europa tem constituído uma oportunidade para ultrapassarmos um atávico conformismo, uma tendência para nos ficarmos pela superfície das coisas e uma sistemática ilusão sobre os nossos males irremediáveis e sobre a fatalidade da história. Ainda que muitos se mantenham distraídos, o certo é que o ensaísta continua a interrogar-nos, com avanço sobre os acontecimentos e sobre o modo como poderemos responder aos misteriosos e exigentes estímulos perante os quais estamos confrontados. Em lugar de uma visão do País imaginário, encruzilhada de sonhos e de má-língua, Lourenço procura ser o camponês do Danúbio (ou melhor, de S. Pedro de Rio Seco), com os pés assentes na terra – a dizer que tudo depende do que somos e do que queremos ser. Trata-se de alertar (na senda de Unamuno) contra a loucura de D. Quixote, uma das causas da decadência dos povos peninsulares, e do seu pequeno émulo D. Sebastião. Quando muitos julgariam que havia razões para otimismo, com a Europa a dar a sensação de uma caminhada irreversível e imparável, Eduardo Lourenço surpreendeu-nos ao falar de uma Europa desencantada. A Europa era, de algum modo, vítima do seu próprio sucesso. Acabara a guerra fria, o império



soviético desmoronara-se e havia novas expectativas e novas perplexidades a ditarem a sua lei. A fragilidade europeia estava à vista, provindo quer da dificuldade interna de superar contradições antigas, quer de uma campanha externa persistente no sentido de não deixar o velho continente ser aquilo que desejaria ser.

Hoje percebemos por que motivo Eduardo Lourenço nos mostrou esse incómodo mas indispensável cartão amarelo. Afinal, não poderíamos esquecer que haveria um momento em que os egoísmos regressariam contra os ideais e contra os que consideram não haver vacinas contra a barbárie, salvo estarmos humanamente de sobreaviso. Por excesso de memória, a Europa é uma realidade indefinida e indefinível, difícil de se encontrar. “Só se podem sentir desencantados aqueles que sabendo a Europa a que pertencem frágil na cena do mundo, por incapacidade de se constituir com um mínimo de coerência política, constatarem que quarenta anos de sonho europeu não fizeram da Europa um mito para a consciência do cidadão comum da Comunidade Europeia”, escreveu o Mestre em 1993. Agora, se uns pensam que estamos condenados coletivamente a uma existência medíocre, há razões para desejarmos uma autonomia, diremos estratégica, centrada na defesa dos valores e interesses comuns e na compreensão de que será mau para o mundo uma Europa dividida ou entretida com as vaidades nacionais, tendo do outro lado do Atlântico os Estados Unidos embalados na ilusão pueril de que poderão contrariar um movimento

inexorável e imperial de decadência cultivando a cizânia e o método da sobranceria, contra a velha ideia de Kennedy e de Monnet da “parceria entre iguais”.

Com o fim do antigo mundo bipolar, tornámo-nos nómadas de uma história difícil de decifrar, em que os instrumentos se confundem permanentemente com os fins. Vem à memória a Cacânia de Robert Musil ou a recordação dos sonâmbulos de Hermann Broch. Viveremos um novo “apocalipse alegre”? Só a releitura dos mitos levar-nos-á à mobilização das vontades! A globalização, os meios de comunicação de massa e as sociedades em rede tornam essa sombra inquietante, porque se projeta globalmente. Os aprendizes de feiticeiro atacam os fundamentalismos e o terror, sob pretexto de os combater... As nações fecham-se, em lugar de buscar novos modos de partilhar vontades e destinos... Como diria o ensaísta (“Portugal como Destino”, 1999): “povo missionário de um planeta que se missiona sozinho, confinado ao modesto canto de onde saímos para ver e saber que há um só mundo, Portugal está agora em situação de se aceitar tal como foi e é, apenas um povo entre os povos. Que deu a volta ao mundo para tomar a medida da sua maravilhosa imperfeição”.

### NOTA:

Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura

## GUIMARÃES 2012 ARRANCA OFICIALMENTE NO PRÓXIMO DIA 21



# “Revolução cultural vai transformar a cidade”

**O arranque oficial de Guimarães 2012 acontece já no próximo dia 21. O presidente da Fundação Cidade de Guimarães, que está a preparar a Capital Europeia da Cultura, considera que a programação, na qual se revê, é consistente e coerente com os princípios definidos na candidatura. Em entrevista - via email -, João Serra falou ainda numa revolução em termos culturais, que vai transformar a cidade, incentivando uma economia criativa, internacionalmente competitiva e geradora de novo emprego.**

Paulo Francisco Carvalho

**A programação de Guimarães 2012 foi apresentada em Dezembro. É este o programa idealizado por si, ou é o possível?**

Acompanhei directamente a elaboração do programa, pois fui durante quase dois anos administrador executivo com o pelouro da programação. Fiz também parte da equipa de programadores, pois tomei sob a minha responsabilidade a orientação do programa «pensamento». Revejo-me completamente no programa que resulta dos contributos de um conjunto qualificado de programadores que souberam criar um programa consistente, coerente com os princípios definidos na candidatura da cidade de Guimarães a Capital Europeia da Cultura. É ajustado ao momento presente e aos desafios colocados a pequenas e médias cidades europeias.

**O que destaca do programa?**

Poderia insistir nos pressupostos de que se partiu (qualificar a comunidade, contribuir para a regeneração urbana e social, estimular uma economia baseada no conhecimento) ou nos objectivos traçados (enriquecer a oferta cultural, valorizar o território, projectar a dimensão europeia). Mas vou destacar a programação da primeira semana, porque ela ilustra todo o programa e a sua ambição. A 21 temos a cerimónia de abertura, com uma sessão oficial acompanhada de um espectáculo multimédia, e, à noite, um espectáculo de rua. O resto da noite será de celebração em espaços de encontro e convívio da cidade. Nos dias seguintes abriremos uma exposição de ilustração que é o resultado de residências artísticas de designers portugueses e estrangeiros. Poremos em funcionamento diversos laboratórios de criação, tanto em áreas convencionais – pintura, cerâ-

mica – como na área do digital. Iniciaremos a primeira residência literária e as primeiras fases do exercício de redacção de umas Memórias do Cárcere pelos reclusos da cadeia de Guimarães. Iniciar-se-ão ciclos de cinema (Guimarães no cinema, 1962, Pedro Costa) e será posto em cena um novo espectáculo de dança. A música será levada a casa das pessoas, com diversas formações saídas da Orquestra a actuar em casas anfitriãs e serão abertos com projectos criativos diversos espaços devolutos da cidade. A semana termina com um concerto dos Buraka Som Sistema.

**Vai estar tudo pronto a tempo do arranque?**

Acredito que sim.

O número de visitantes previstos inicialmente – 1,5 milhões – pode ser afectado pela crise económica?

Pode. O nosso objectivo, de qualquer modo, é duplicar o número de visitantes de 2011.

**Como vai ser o pós-2012? O que vai a Capital Europeia da Cultura deixar à cidade e aos seus habitantes?**

Guimarães será após 2012 uma das cidades mais bem preparadas para compreender os desafios

futuros na área da cultura e actuar sobre eles. Durante um ano fará a experiência de construir uma orquestra internacional. No final de 2012 terá três novos cursos de nível superior: Design, Artes Performativas e Artes Visuais. Disporá de uma Plataforma das Artes com um acervo de referência internacional e módulos atractivos para artistas emergentes. Terá mudado qualitativamente as estruturas de produção teatral e do audiovisual. Quantas cidades portuguesas disporão em 2013 de uma estrutura de produção audiovisual com a experiência de produção de várias dezenas de filmes? Guimarães terá acumulado, ao longo de um ano, uma das mais ricas experiências de curadoria artística internacional, aqui exactamente no espaço ASA. Terá reforçado, a um plano sem paralelo, o serviço educativo da área das artes e da cultura e aumentado substancialmente o património editorial com referência a Guimarães.

**Sente que as pessoas e instituições de Guimarães estão agora, com o aproximar do início do evento, mobilizadas e mais próximas do processo?**

Certamente. Dissiparam-se muitas dúvidas – nomeadamente sobre a natureza do programa – e reacendeu-se a vontade de participar, um dos traços do espírito vimaranense.

**O programa autónomo que está a ser desenvolvido pelas associações locais foi pensado para ligar mais os vimaranenses ao evento?**

Tratou-se de um repto lançado ao movimento associativo de Guimarães com dois objectivos centrais: colocar à sua disposição meios que lhe permitam ganhar novas competências, induzir um processo de programação em rede.

Estou agora convencido de que foi um desafio oportuno e agarrado com vigor pelas associações culturais de Guimarães.

**De que forma é que vai ser potencializado o Turismo Cultural na região com a requalificação urbana prevista no projecto?**

Guimarães foi apontado por dois prestigiados Guias internacionais como um dos 10 destinos de eleição em 2012. Isso é já um efeito da Capital Europeia da Cultura. A requalificação urbana – tanto do espaço público como de alguns equipamentos museológicos – cria condições para atrair mais visitantes e melhora a oferta cultural. Cremos que assim se dá o arranque para um círculo virtuoso.

**Que papel está a ter, e vai ter, o cluster das indústrias culturais e criativas?**

Pode-se falar numa revolução em termos culturais. Transformar a economia da cidade, incentivando uma economia criativa, internacionalmente competitiva e geradora de novo emprego era um dos compromissos da candidatura. O programa da CEC 2012 apoiou este compromisso com particular empenho.

Criou uma área de programação com esse fim de ligar pessoas, lugares e empresas. Principiou, aliás, pelas pessoas, lançando ainda em 2011 acções de valorização de competências no domínio do empreendedorismo. Não



## Abertura

O dia 21 de Janeiro marca o arranque oficial de Guimarães 2012. Às 18 horas, no Multusos de Guimarães, tem lugar a abertura protocolar, intitulada «Afectos». O guitarrista vimaranense Manuel d'Oliveira é o «mestre-de-cerimónias» do espectáculo, que decorre até às 20 horas. O evento conta com a participação de Filipe Raposo, João Frade, Bernardo Couto, Guilherme Marinho, Joaquim Teles, Cristina Branco, Chico César (Brasil), Ritinha Lobo (Cabo Verde), Yami (Angola), Rão Kyao e os Danças Ocultas, além da Fundação Orquestra Estúdio e o Grupo de Caixas e Bombos Nicolinos. Às 22, no Toural, decorrerá o espectáculo «Berço de uma Nação», com concepção e direcção artística do Centro de Criação para o Teatro e Artes de Rua (CCTAR) e La Fura dels Baus. As celebrações de abertura prolongam-se até 28 de Janeiro, com workshops, bailado, cinema, teatro e muita música.



descurou a plataforma internacional em que deverá ocorrer a valorização da cidade, através de projectos centrados em redes de cidades onde Guimarães possa ter um papel preponderante ou mesmo liderante. O programa da CEC 2012 apoiou este compromisso da candidatura com particular empenho. Criou uma área de programação com esse fim de ligar pessoas, lugares e empresas. Principiou aliás pelas pessoas, lançando ainda em 2011 acções de valorização de competências no domínio do empreendedorismo. Não descurou a plataforma internacional em que deverá ocorrer a valorização da cidade, através de projectos centrados em redes de cidades onde Guimarães possa ter um papel preponderante ou mesmo liderante. Neste domínio, ninguém espere que os resultados sejam volumosos e imediatos, porque o que importa é gerar a um ambiente favorável a ideias com valor económico. Vai neste sentido, por exemplo, a conversão de dois espaços industriais, num os quais estamos agora, em espaços de criação e exibição. Uma economia criativa não assenta apenas em novos sectores, deve tocar os sectores tradicionais. Múltiplas acções estão previstas neste âmbito: moda, design, têxtil, artesanato atravessam a programação da Capital Europeia da Cultura 2012.

**As anteriores capitais europeias da cultura, Lisboa e Porto, serviram de exemplo a seguir, ou de exemplo a evitar?**

As anteriores capitais europeias da cultura não se podem comparar. Vivemos numa conjuntura económica e social diferente. Nesse sentido, Guimarães 2012 é singular e cremos que original.

**Numa Capital Europeia da Cultura, é mais importante o programa cultural e artístico ou construção e requalificação de infra-estruturas?**

A Cultura é um dos pontos de aplicação, um dos motores da regeneração

Urbana. E Guimarães é um exemplo paradigmático dessa condição. Recorde-se que foi à luz da cultura que a cidade conduziu durante duas décadas um processo de regeneração exemplar do seu centro histórico. Este processo acaba de celebrar o décimo aniversário do reconhecimento pela UNESCO como património da Humanidade. O processo de regeneração em curso para Guimarães 2012 é norteado pela necessidade de consolidar a oferta cultural e de ensino da cidade, consolidando a experiência universitária e o lugar da arte contemporânea na cidade.

**Disse, há pouco tempo, que a cultura não é responsável pela crise financeira mas que pode, no entanto, fazer parte da solução. Já conseguiu convencer as pessoas disso?**

A cultura já não é aquele bem raro à qual apenas as burguesias podiam aceder para satisfação pessoal ou marca de distinção. Hoje é um fornecedor de competências, tanto mais estratégicas quanto a sociedade em rede é uma sociedade de informação e conhecimento. O factor de mudança social é cultural ou não é. Por outro lado, a cultura empresta à cidade um conjunto de novos estímulos e fornece o contexto para uma economia criativa.



**Adelto Gonçalves**  
escritor

## O verso livre de Joaquim Pessoa

**I** - *Vou-me embora de mim* é uma condensação dos principais livros do poeta português Joaquim Pessoa (1948) preparada pelo filólogo Vadim Kopyl, doutor em Filologia Românica e diretor do Centro Lusófono Camões da Universidade Estatal Pedagógica Hertzen, de São Petersburgo, e publicada em edição russo-portuguesa pela Alexandria Publishing & Humanities Agency daquela cidade que é a capital cultural da Rússia. A tradução dos poemas coube a não só a Vadim Kopyl como a Andrei Rodoski e Veronica Kapustina.

Ainda que Joaquim Pessoa seja cultor do verso livre, estilo pouco comum na terra de grandes poetas como Pushkin (1799-1837), Kopyl tem certeza de que a poesia que emana dos seus textos saberá tocar na alma do leitor russo. Até porque a poesia é a linguagem universal do sentimento. E, especialmente, a de Joaquim Pessoa está carregada da palavra lírica na sua mais pura natureza, como garante a professora brasileira Maria Lúcia Lepecki, há muitos anos radicada em Portugal, mais especificamente na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, responsável pela apresentação do livro.

**II** - Poeta, tradutor e artista plástico largamente premiado em seu país, Joaquim Pessoa traz nas veias o percurso da maioria dos intelectuais que começam agora a trilhar a faixa dos sessenta anos: saiu da rebeldia juvenil e dos sonhos da esquerda que idealizavam um mundo mais justo para a sóbria reflexão de que o mundo não depende de nossa vontade e dos nossos sonhos, à qual só se chega depois de levar bastante “porrada” na vida, como diria o outro Pessoa, o Fernando (1888-1935).

Depois de uma fase em que produziu versos ou poemas em prosa – linhas curtas e longas, reunidas em forma livre – extremamente politizados, que refletem os anos da viragem do fascismo salazarento para a festa do 25 de Abril – que, diga-se de passagem, logo se acomodou aos interesses dos mais endinheirados, como sempre –, Joaquim Pessoa passou a olhar a vida com menos expectativa de mudanças, passando a produzir uma poesia mais reflexiva e menos intempestiva. São daquela época de inflamação juvenil livros como *Poemas de Perfil* (1974-75) e *Poemas da Resistência e Canções de Ex-cravo e Malviver* (1978), cujo título bem explica a preferência do autor por palavras e sentidos dúbios e criativos que guardam significados implícitos dentro de sua intertextualidade.

Com o passar dos anos, obviamente, a ênfase revolucionária e o sarcasmo foram diminuindo, como observa Kopyl no posfácio que leva o título «Livro que veio para ficar», mas a inventividade não se arrefeceu, como provam os poemas de *Amor Combate* (1985), que, por isso mesmo, não perderam o frescor da juventude que os colocou para fora. Pessoa tem uma especial predileção por criar palavras, neologismos.



**III** - Para a edição russo-portuguesa, Kopyl escolheu cinco coletâneas poéticas e “um livro-poema inteiro”: *Nomes* (2001), *O Livro da Noite* (1982), *O Amor Infinito* (1983), *À Mesa do Amor* (1994), *Por Outras Palavras* (1990) e *Vou-me Embora de Mim* (2000), o livro-poema de que fala Kopyl e que Maria Lúcia Lepecki definiu como um longo poema dividido em partes – nem tituladas nem numeradas – que constitui um encadeamento de recordações.

(...) *Apanho um combóio e um barco, viajo para lá do acontecimento que é sentir-me ser de ali. Vou-me embora de mim.*

*Este diálogo não acabou e não acabará nunca. Vou com os camponeses da cidade, feliz como um animal doméstico, por vezes como um cão vadio no inverno, cuja felicidade é apenas atingir a primavera seguinte.*

*Vou com as gaivotas que procuram a vida nas milhares de toneladas de lixo da civilização. Vou também com a dor de todos os massacres e com os missionários confortáveis que querem governar o mundo sem saber governar o próprio estômago.*

*E vou ainda com. E com. E com. E com.*

*E vou ainda.*

**IV** - Do mesmo livro é o poema (sem título, como todos) que diz do desencanto da geração nascida nas décadas de 1940 e 1950 que acreditou na construção de um novo mundo e, “entre o sonho e a vontade”, viu se esboçar “os impérios dos que tiveram vontade de sonhar”:

(...) *Construir o sonho é uma atitude honesta mas edificar a realidade é trabalho para o escravo, do qual o escriba não regista, nem fome, nem suor.*

**V** - Joaquim Pessoa – que com Fernando Pessoa não tem nenhum parentesco, a não ser poético – nasceu no Barreiro, do outro lado do Tejo, e naquela cidade operária viveu até os 28 anos de idade. Praticava poesia desde os 12 anos, quando, entusiasmado por sua professora do liceu, passou a escrever composições que, depois, lia para os colegas em classe. Entre os seus autores preferidos àquela época, estavam Bocage (1765-1805), Nicolau Tolentino (1722-1804), Cesário Verde (1855-1886) e António Nobre (1867-1900). Quando chegou à idade adulta, suas leituras migraram para Pablo Neruda (1904-1973), Louis Aragon (1897-1982) e Paul Eluard (1895-1952).

### NOTA:

*VOU-ME EMBORA DE MIM*, de Joaquim Pessoa, edição russo-portuguesa, com posfácio de Vadim Kopyl, apresentação de Maria Lúcia Lepecki e tradução de Vadim Kopyl, Andrei Rodoski e Veronica Kapustina. São Petersburgo: Centro Lusófono Camões da Universidade Estatal Pedagógica Hertzen e Alexandria Publishing & Humanities Agency, 2007, 256 págs. E-mail: vkopyl2002@mail.ru



**Levi Guerra**  
médico, poeta e pintor

## «Mig, a formiga comodista»

**A** atitude científica, em termos gerais, assenta na busca da verdade onde quer que se queira inquirir. Isso implica a clara precisão do facto ou dos fenómenos a investigar, e a subsequente busca da identificação da causa ou causas que os expliquem, os enquadrem, ou os caracterizem. E, naturalmente, a metodologia varia consoante a natureza da ciência em causa. Na Filologia não se investiga como na Física, nem na Filosofia como na Biologia, nem na Teologia como na Matemática, etc., etc. Pode haver, e há, investigação científica, onde se não possa recorrer a um laboratório para que, em ensaios repetidos, se possam ligar as causas aos factos investigados. É a investigação observacional, de resto muito comum na Medicina Clínica, na Sociologia, na Psicologia, na Arqueologia, na Numismática e em quantas ciências mais! Todas estas áreas do conhecimento são áreas de investigação científica. Cada dado da observação, cada facto que se regista é como que uma experiência que se avalia e cujo resultado é esse que se reconhece, num dado momento, em cada circunstância. A acumulação dos dados observados representa,

pois, como que uma série de experiências a partir das quais se podem formular conclusões.

Face ao livro «Mig, a formiga comodista», de Margarida Negrais, obra que cai na sua textura formal no âmbito da Filologia, direi que ela, na essência, encerra uma abordagem psicológica e sociológica ampla sobre comportamentos não invulgares, e onde a autora tem um pensamento, ou visão, que resulta da sabedoria acumulada ao longo da vida, fruto da sua experiência. Será, digamos, a sua componente experimental. Entretanto, pela sua criatividade, refaz, reaviva, modela, reinterpreta e torna verosímil uma história a partir dessa informação “experimental”, e projecta-a como mensagem pedagógica para crianças, mas onde gentes adultas se podem, de algum modo, rever, e, porventura, aprender.

Mas nas obras científicas há sempre, mais ou menos evidente, um componente artístico, desde o assunto que se investiga até à forma como os resultados se apresentam, quer na parte textual quer na parte iconográfica. Aqui acontece esse componente artístico de forma clara, já na beleza do texto, em primeiro lugar, já na ilustração de José Emídio, que é de superior qualidade, imaginativa e plástica.

Daqui o cunho científico-artístico que atribuo a esta obra. A experimentação foi a realizando a autora ao longo da vida, no que viu, no quanto penetrou no universo dos saberes acumulados, desde a tragédia grega até hoje, e das reflexões próprias e visões conclusivas que arquivou. As conclusões, as científicas, resultam da sua imaginação produtiva. São este livro! (.../...)

A formiga Mig encarna a simbologia de muita gente! Aqui, a importância da fábula, já no que diz, já no que deixa para se adivinhar ou como estimulação do imaginar. Nisto está a capacidade criativa da autora, quer na caracterização da personagem, quer na sequência dos acontecimentos e nos traços peculiares dos lugares, das circunstâncias, e das personagens intervenientes. E tudo escrito numa prosa fluente, clara e estilisticamente rica.

Por outro lado, o pintor José Emídio revela a sua grande capacidade artística nos belos quadros que plasmam a Mig antropomórfica, nos enquadramentos pictóricos

variados que o desenrolar da história sugere.

Devo realçar a belíssima obra produzida pela Editora «Letras e Coisas», que tornou este livro numa peça bibliográfica encantadora.

Sendo um livro para crianças, a mensagem que encerra é também para adultos. Não se sabe que a pedagogia dos Evangelhos que Cristo pregou assenta em parábolas? Só que, nas parábolas, entram pessoas imaginadas enquanto nas fábulas, animais. São formas de expressão muito concretas, de conceitos e de comportamentos essenciais para o viver humano. São, inegavelmente, alegorias de grande importância cultural e pedagógica de que a sociedade precisa sempre e nos dias de hoje, certamente, muito.

Oxalá que a importância educacional de obras como esta, onde a ciência e a arte assumem um perfil de especial excelência, o Estado e Instituições privadas, percebam essa importância e as subvençionem.

Deve-se esta minha presença aqui [apresentação do livro], à semelhança do que já aconteceu anteriormente com outros livros publicados por outras pessoas ligadas ao ICDAFG, à circunstância da autora, Sra. Dra. Margarida Negrais de Matos, ser lá aluna, Instituto onde se tem permanentemente instigado as pessoas que o frequentam a cooperarem num esforço de valorização da sociedade através da revelação de acções e trabalhos de que sejam capazes. Luta-se contra a passividade e há um esforço para que o Instituto seja uma verdadeira oficina de cultura. Não é difícil reconhecer quem tem aptidões para tal. Foi o que aconteceu com esta Senhora que aceitou o convite para integrar o Corpo Editorial da revista do Instituto, «A Fonte», e tornar possível a publicação mensal do Boletim do Instituto, juntamente com a Professora Dra. Marília Costa, que, sem interrupção, já vai no nº 10, trazendo à vida do Instituto uma indiscutível valia.

Margarida Negrais, a autora, é licenciada em Filologia Românica pela Universidade de Coimbra, e, ao longo da sua longa carreira docente, ensinou português e francês, a diversos níveis, em variadas instituições de ensino, tendo sido orientadora de estágios pedagógicos na Escola Secundária da Maia e na Secundária Joaquim Leite, em S. João da Madeira. Trabalhou como tradutora para o Jornal de Notícias. Publicou anteriormente o livro «História de Bichos», em 2007, com que iniciou a sua vida literária, com grande sucesso. Desfruta hoje de grande prestígio no meio cultural de S. João da Madeira e de Vale de Cambra.



ILUSTRAÇÕES DE JOSÉ EMÍDIO PARA  
«MIG, A FORMIGA COMODISTA»



**Rodolfo Alonso**  
poeta

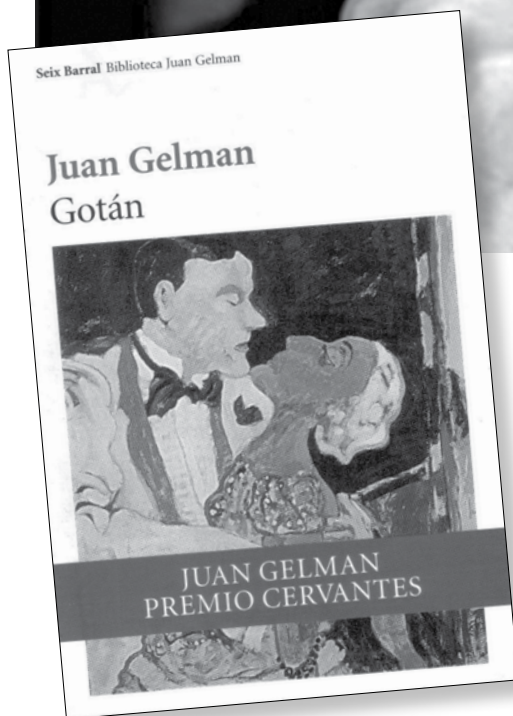
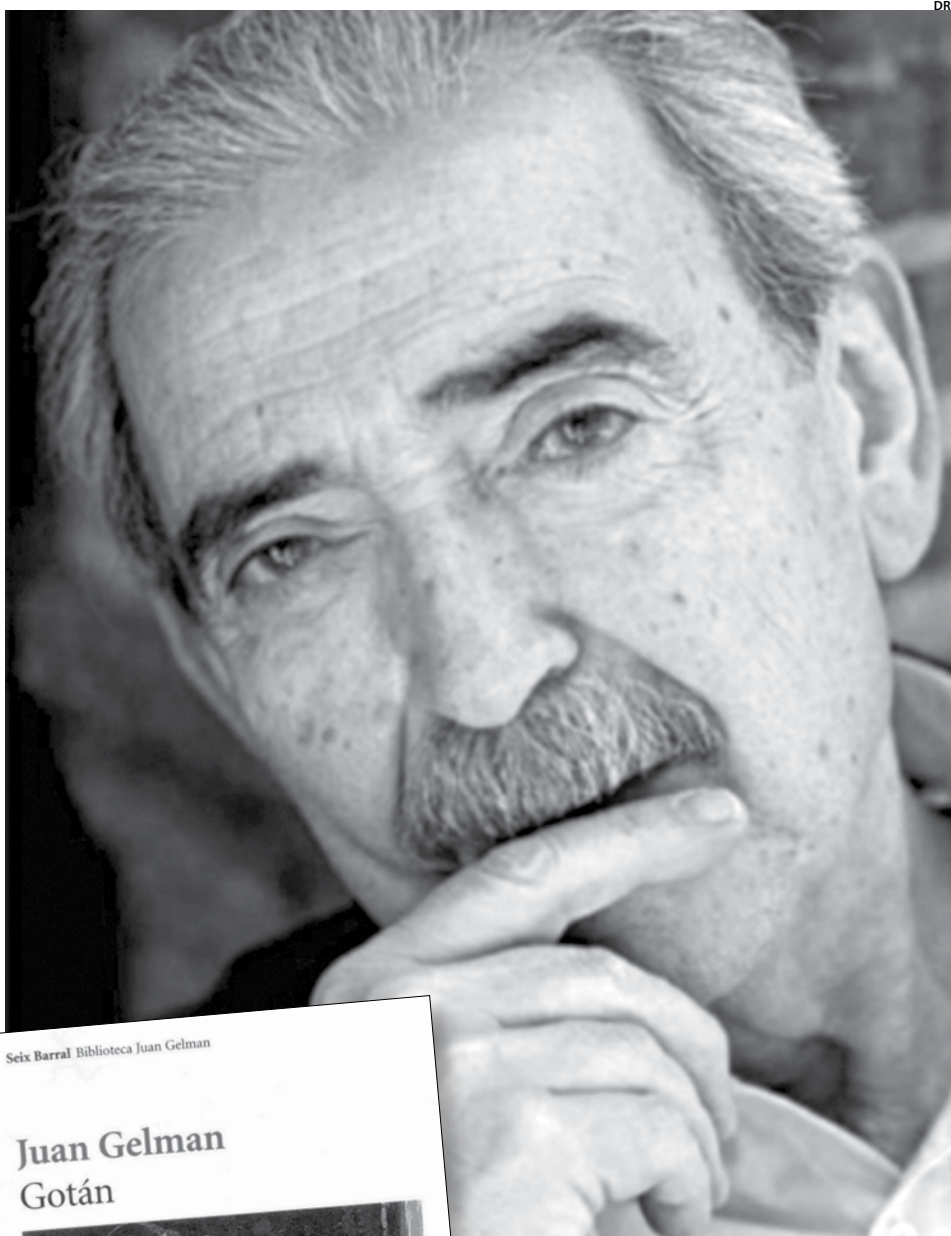
## El tango de Gelman

Si por un lado este libro: "Gotán", de Juan Gelman (Seix Barral, Buenos Aires, 2008), recupera aquellas ediciones revisadas por el autor donde decidió reunir sus cuatro libros iniciales (incluso suspendiendo algunos poemas de los dos primeros títulos), por el otro la tapa no deja de destacar —como una antigua faja roja ahora impresa en la cubierta— también el reciente Premio Cervantes que le fuera adjudicado coronando, por el momento, la merecida difusión de su obra. ¿De qué manera es posible encarar entonces, ahora, no apenas como supuesto crítico sino también como simple (y fundamental) lector, estos momentos iniciales, de descubrimiento no sólo personal, de lo que sería una larga, fecunda y honda carrera cuando la misma ya ha sido en gran medida, y no poco magníficamente, consumada?

Porque estos textos siempre temblorosos y tantas veces indelebles fueron, en su momento, primicia no sólo del autor sino también de sus primeros y ya crecientes lectores. Con lo cual bien podrían, aún quienes no llegaron a percibirlos como aire nuevo en aquellos tiempos, imaginarse todavía asomándose a un Gelman que comienza: "¡Quién pudiera agarrarte por la cola / magiafantasmanieblapoésia!". Siendo que también es factible, y acaso no contradictoria, la operación antípoda: evaluar estas primeras incursiones desde la perspectiva de la obra ya madura y efectivamente cumplida.

Claro que no deja de ser posible evadir esa aparente (sólo aparente, entiéndaseme bien) antinomia, ya sea combinando esas dos presagiadas orientaciones de lectura, ya sea encontrando si es que no buscando las otras ineludibles ricas direcciones polisémicas que toda poesía lograda, como organismo latente y vivo de lenguaje soberano, tanto actúa como implica. A esa pluralidad, a esa gran libertad que la palabra viva de Juan Gelman no cesó de invitarnos a todos —pero siempre de a uno— desde un comienzo, me animaría no obstante a sugerirle prestar atención (a mi modesto entender), dentro de los tocantes "Poemas con el hijo" especialmente al titulado "Sonríe" ("¿Y alguna vez he sonreído así? / ¿Fui como tú de luz, candor que tiembla? / ¿Supe dar la mañana, confundirla, / equivocar al mundo?"), donde algo me dice que ya estamos palpando al ¿futuro? Gelman maduro, pleno, entero.

(Dos palabras, antes de concluir, sobre el sonoro título, para mí tan cabal. Que nadie se llame a



engaño, en primer lugar: no hay aquí sentimentalismo, ni mero color local, ni retórica típica alguna. Por otra parte, si al hacerlo el autor patentiza esa veta peculiar del lunfardo, el "vesre", que también rodeó nuestra mutua infancia porteña, no sólo recupera asimismo una fuerte impronta emotiva sino que, volviendo a esa otra posible perspectiva de que hablábamos, si lo enfrentamos con la luminosa palabra sefaradí que fue su posterior título "Dibaxu" acaso todos podrían advertir que, como debe ser, para un poeta auténtico el lenguaje no es nunca una herramienta fría, nunca un objeto inerte.)



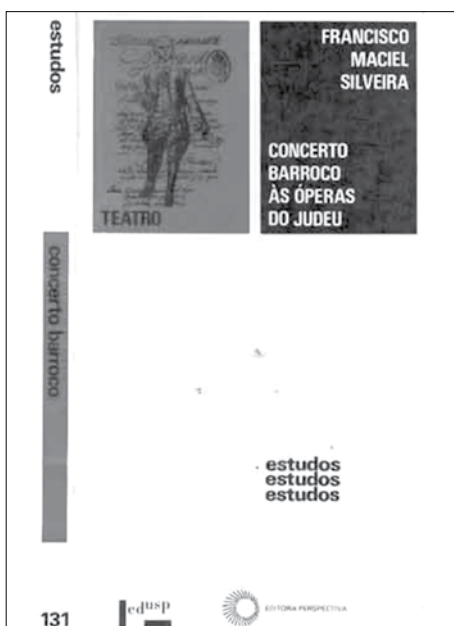


Manuel Córrego

## Concerto Barroco Às Óperas Do Judeu

Quero começar por dizer que uma boa parte dos melhores amigos eu nunca os vi. Conheço-os de perto, no entanto, por aquilo que as pessoas têm de melhor – a generosidade e o talento. Dessa galeria faz Francisco Maciel Silveira, professor da Faculdade de Letras da Universidade de S. Paulo, onde existe o maior centro de cultura portuguesa em todo o mundo – incluindo Portugal. Naquela faculdade está instalado o Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, com a disciplina de Literatura Portuguesa na Graduação e Pós-Graduação, de que Francisco Maciel Silveira é Professor Titular da Pós-Graduação. Há mais de 50 anos que a Universidade de S. Paulo se tem notabilizado pela divulgação da cultura portuguesa com trabalhos marcantes nos âmbitos da prosa, poesia e teatro. Coube a ao professor Francisco Maciel Silveira implantar o estudo sistemático do teatro português na Pós-Graduação, oferecendo três disciplinas: Expressões da literatura Dramática em Portugal; do Renascimento ao século XXI; A literatura Portuguesa em cena: O teatro da História na história do Teatro.

O caso de Francisco Maciel Silveira faz-me lembrar Paulo Quintela e Deniz Jacinto fundadores do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, onde en-



cenaram Gil Vicente e por isso se tornaram, com Robles Monteiro e Amélia Rey-Colaço, responsáveis pelo relançamento de Gil Vicente, quase esquecido naquela época. Também o professor Silveira contacta directamente com centenas de alunos que, obtida a sua formação, regressam às suas terras de origem onde farão sementeira do teatro português. Para além da sua actividade docente, Francisco Maciel Silveira tem publicadas várias obras sobre autores portugueses – e entre elas a apaixonante monografia dedicada a António José da Silva. Creio que nos dias de hoje se poder afirmar com segurança que António José da Silva ocupa um dos lados do triângulo maior da dramaturgia portuguesa: Vicente, Silva, Santareno. Apesar disso, tudo o que se sabe da sua vida vem da obra que nos legou e dos autos da Inquisição que o condenou por actos de judaísmo.

Em Silveira há um domínio firme do que se fala, a paixão pelo tema e a ousadia de pôr de lado ideias cansadas em benefício da visão dinâmica, inédita e criativa. Por isso se afasta das versões romanceadas e da tese do “Herói” – o paladino a lutar sozinho contra o absolutismo do Rei João Quinto e contra o fanatismo religioso da Inquisição. A tal que se dizia santa mas que negava Deus, tão à força de querer impô-lo (literalmente!) a ferro e fogo.

O Concerto Barroco tem a importância acrescida de trazer para a ribalta um autor que, em rigor, nela deveria residir em permanência. Como tantas vezes acontece entre nós, o contrário disso é o que se passa. Pode dizer-se que, de substancial, o que existe é o livro de Francisco Maciel Silveira, a peça “O Judeu” de Bernardo Santareno, o estudo de Barata Moura, o fantasioso romance de Camilo Castelo Branco e o resumo do processo inquisitivo na obra “Inquisição e Cristãos-Novos, de António José Saraiva.

O mérito de Francisco Maciel Silveira é que não se limitou a chover no molhado. Não se ficou pelas boas intenções de um herói útil. Ele compôs um “Concerto Barroco” a compasso da obra de António José, toda ela, de ponta a ponta. E com documentos na mão (atrevo-me a dizer: pela confissão do próprio), extraiu a tese da dupla face de Jano: a verdadeira tragédia do cristão-novo, que para sobreviver tinha de exibir duas faces distintas – uma para o mundo que o perseguia, outra para a intimidade da sua família e da sua casa.

Eis porque o “Concerto Barroco” é uma obra feliz. A todos os títulos e mais este. Para que precisamos de heróis, com efeito, quando queremos falar da absoluta desumanidade do fanatismo e da intolerância? Que impossíveis razões podem levar a que o Homem seja capaz de perseguir o seu semelhante por diferenças tão simples e humanas como a cor, a cultura, o pensamento – a fé?

Portugal bem pode estar grato a Francisco Maciel Silveira por esta obra soberana. Assim também à Universidade de S. Paulo – ambos beneméritos da cultura portuguesa no Brasil.





**António Oliveira**  
doutor em ciências da literatura

## «Na tua casa posso encontrar uma coisa que tu não tens!»

Com este pórtico da autoria de Luandino Vieira, Ondjaki abre o seu livro de poemas, pretendendo, seguramente, dizer ao leitor que nada tem para lhe oferecer e, por isso, convida-o a perscrutar a sua casa (que é a sua palavra) para que nela o leitor encontre os sentidos que traz ancorados na alma. Em suma, pede, assim como Pessoa, que cada leitor sinta por si mesmo o que a leitura destes versos lhe sugere.

E o que, numa primeira leitura, este livro de poemas sugere ao leitor é uma diferença notória de personalidade lírica e de construção a nível de linguagem poética, que separa estas duas obras incluídas neste volume publicado há pouco mais de um ano. Na verdade, nos «entreversos» dos poemas, incluídos na segunda parte do livro, e intitulado «Acto sanguíneo», encontramos um poeta à procura da sua voz. Isto porque, à medida que vamos bebendo esses versos, sentimos a rugosidade da sua juventude, de tal forma que ficamos com a língua talhada de acidez. O próprio poeta tem o cuidado de justificar esta falta de depuração, afirmando, na sua introdução, e em jeito de advertência, que esses versos, escritos no fim da sua adolescência, não passavam de «manobras linguísticas» que lhe permitissem transmitir o seu mundo interior. Naquele tempo, o jovem poeta não tinha, certamente, lido a carta de Rilke.

Dez anos separam estes versos escritos na juventude e esses outros publicados com o título «Dentro de mim faz Sul», em que se nota já uma voz mais madura, que faz dizer 'coisas', quando as não diz. O mesmo se diz, antes ou depois, «há frases que nos vão resu-

mindo», sendo que umas resumem de uma maneira mais poéticas do que outras, isto é, deixam o leitor no patamar da vida espiritual, enquanto as outras não.

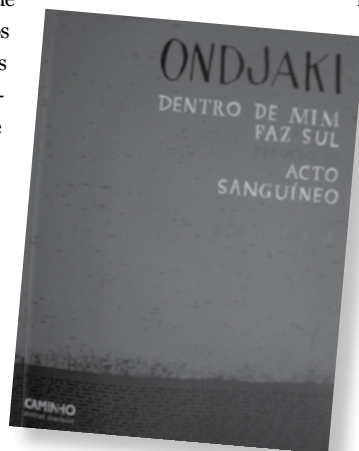
De facto, o conjunto de versos publicados na coletânea intitulada «Dentro de mim faz Sul» apresenta marcas de um poeta a caminho da sua maturidade. Ele surpreende pela sua criatividade e pela sua linguagem poética, que faz dizer dentro de si cada leitor abordando a temática da infância, uma temática sempre actual, no dizer de Rilke, na carta aos jovens poetas. Estes versos, que lemos dentro de nós, trazem ao leitor (e não apenas ao poeta), a leveza da nossa infância, cheia de sul e de sol, e também de sal, com sabor a paraíso perdido, mas renovado por uma nova roupagem, que lhe confere a magia da palavra nua e secreta. Para o poeta, a infância é um lugar onde ele mergulha, como se de um mar se tratasse, para que os búzios das tardes do Sul, que chegam como as estrelas, cheios de eras cintilantes (outras eras do ser), de ansiedade, de jindungos, de canzumbis e abraços de Morfeu, lhe acendam o desejo de visitar um espaço sem espaço num tempo intemporal. Por isso, ele escreve para adormecer e renascer no tempo reencontrado, consubstanciado no seu imaginário. Tudo o que «havia» e tudo o que «era» passou a haver e a ser, através da magia da palavra poetiza-

da. E, sentado na praia, é todo o som da infância que lhe entra por dentro do olhar, em simultâneo com o tempo que se vai diluindo na página branca por entre meia dúzia de palavras.

Quando acabamos de ler os poemas que compõem a obra «Dentro de mim faz Sul», ficamos cheios de leveza, como se a cabeça se esvaziasse de pensamentos e o coração se enchesse de sensações, para retomar uma imagem de Mia Couto.

A palavra é a casa do ser e o deserto é a casa do poeta, que procura o seu ser. Agora, que deixou sementes de poesia; agora, que penetrou o silêncio da linguagem poética, o próximo ato sanguíneo de Ondjaki será o de procurar o seu ser, partindo de si mesmo para se reencontrar com as suas raízes ancestrais e autênticas. Para tal, e sendo que a língua é veículo de civilização, Ondjaki tem de deixar de ser

menos português e ser mais angolano. À imagem do seu mestre, e fundador da literatura angolana, Luandino Vieira, este jovem poeta deve expressar, expressando-se, não só com o ritmo e a metáfora, que são dois constituintes fundamentais da linguagem poética, mas também com a paisagem do Sul e os quitutas que assediam as tradições angolanas e, sobretudo, expressando a voz de todo um povo que invoca o rio, a canoa e o jacaré massanganos de sonhos à espera de brotar.





**António Fournier**  
escritor

## Os lugares do mundo

“o mundo é aquilo que nos separa do mundo”

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

“La grande distance qui me sépare de vous, est terrible”. A sombra trémula das árvores ao luar é como o eco de um Deus mudo. Na lua pálida mora o meu amor, o meu amor que está num caixão estreito. É uma menina que jaz tão pálida e maravilhosa, vestida de branco e rodeada de flores. Tem uma camélia rosa nos cabelos e um colar de pérolas ao pescoço. A menina abre de repente os olhos grandes e vivos. Levanta-se e caminha perdida entre as árvores do parque. Vejo-a da janela e não acredito nos meus olhos. Visto à pressa o meu uniforme da marinha, coloco as dragonas douradas e o meu sabre, e saio para a aragem fria. Caminho em direcção ao embarcadouro. O *Kaiserin Elisabeth* tem já as velas desfraldadas e não tarda nada, sob o meu comando, parecerá um grande cisne branco de asas abertas, com destino ao *ultra oceanum*. Chego rapidamente, alcanço a baía, fundeio o navio ao lado do *Loo rock*, salto para terra, e eis-me diante da fachada do Hospício. Mas chego tarde. À porta está uma caleche puxada por seis cavalos negros com penachos fúnebres. Tulimbah, o terrível aborígene cor de carvão pintado por Selleny, faz de cocheiro e declara solenemente: “Quando a história for inútil aos homens, dever-se-á fazê-la ler aos príncipes”.

Amanhã terei mais sorte? Conseguirei penetrar finalmente aquele lugar, antes de acordar coberto em suor? Ser-me-á finalmente desvendado o arcano que me atormenta todas as noites? Cada vez me sinto mais perto. Escrevo poemas para lenir a dor, e que é este castelo senão o meu mais belo poema? Carlota dorme alheia ao meu tédio e à minha obscura amargura, presa à etiqueta como à trela do pequeno *poodle* branco oferecido pela rainha Vitória. Como é preciosa a vossa ausência: apareceis-me sempre, noite após noite, como um láudano que se ingere em pequenas quantidades. A melancolia invade-me quando comparo esse tempo ao presente. Abro o coração de prata que me haveis oferecido no Palácio do Lumiar. E como um sonho que se abre para outro sonho, de lá sai um colibri e depois outro ainda, de modo que milhares de beija-flores enxameiam o parque em redor do castelo e erguem-se numa espiral vertiginosa. Há um zumbido ensurdecador e vós apareceis-me então de novo, como um daguerreótipo, deitada num *traineau* puxado por bois pequenos, como



Miramare

aqueles que vi no Funchal. Dizeis-me, pálida e com febre escarlatina: “Mon pauvre ami, je suis rasée comme un chinois, parce que j’ai perdu beaucoup de mes longs cheveux”.

Volto àquele hospício vezes sem conta, encosto a cabeça ao portão de mogno, entro no espaçoso vestibulo que dá para a escadaria, sinto o cheiro do estuque e a madeira encerada, passeio pelos corredores, toco a *boiserie* dourada da majestosa capela, e imagino-vos a caminhar como uma sombra invisível ao lado de vossa mãe, a Petite Vieille, que repete chorosa: “Le coeur est brisé de douleur”. Ao pensar em vós uma palavra vem-me aos lábios: *oxydulée*. Percorro agora o jardim: o chão de pequenos seixos pretos, dispostos em espinha, o bafo adocicado do ar, o som do vento alto entre as árvores e o obscuro rolar dos calhaus na praia ali perto, os magníficos exemplares de *bougainvillea spectabilis*, as nuvens botânicas de *strelitzia augusta* e hostes de *carica papaya*, com o seu tronco macio como a pele de uma serpente e o fruto parecido com um balão de vidro. No Funchal, há uma profusão de flores raras, desde a *cattleya aurantiaca* à *cattleya doviana* e a outras orquídeas carnosas e raras. Comparo-vos a elas: são semelhantes aos *phalaenopsis*, têm folhas coriáceas e inflorescências alaranjadas, e um coração húmido, profundo, sedento, imortal.

“Do hospital peregrino até à Quinta das Angústias, na qual o meu anjo adorável iniciou o seu voo, e deixo-me ficar, com mágoa e tristeza, debaixo de uma esplêndida árvore indiana que estende os seus ramos gigantes e protectores proporcionando sombra completa. À volta das paredes trepa, selvagem e não podada, uma magnífica buganvília vermelho-escura, a primeira que vi no género.”

### NOTA:

Há lugares que conservam uma enigmática «presença na ausência», uma distância que se faz de repente tangível. Uma curiosa coincidência liga o Hospício Princesa Dona Maria Amélia no Funchal ao Castelo de Miramar em Trieste: os dois edifícios tão distantes um do outro foram edificadas quase em simultâneo, em 1856, concluindo-se a sua construção praticamente na mesma altura, três anos mais tarde. Mas ambos são sobretudo espaços canforados em que se faz a ecologia da alma oitocentista: são uma espécie de mausoléu de vitorianas paixões, e contam em surdina a mesma história, uma história de amor e morte, como tantas tragédias românticas do século XIX. Uma última coincidência é o facto de a pedra da fundação do castelo de Miramar ter sido levada por Maximiliano de Habsburgo da ilha da Madeira, quando a visitou em Julho de 1852, ao perfazer 20 anos, com a lembrança bem viva da única filha da segunda mulher de D. Pedro, por quem acabara de se apaixonar em Lisboa. Não deixa de ser curioso que a reger o sumptuoso castelo de fadas nas margens do Adriático esteja o núcleo de basalto outrora incandescente do coração da ilha. Esta última coincidência deve ter sido notada com amarga ironia pelo arquiduque austríaco quando a visitou de novo, em Dezembro de 1859, e se deteve em longa peregrinação sentimental no Hospício dedicado ao seu amor de juventude, antes de atravessar pela primeira vez a linha do Equador, essa fronteira imaginária que separa o mundo do mundo.



**Eugénio Lisboa**  
escritor

## George Bernard Shaw e os “interesses britânicos”

Na última cimeira europeia, o primeiro-ministro britânico, David Cameron, auto-excluiu-se do processo em curso, alegando estar ali apenas para defender os sagrados “interesses britânicos”. Quando um primeiro ministro de Sua Majestade britânica invoca este poluído cliché, já se sabe que o faz por estar a ter, no seu próprio país, problemas graves, que ameaçam a sua continuação no poder. O toque de clarim destinado à mobilização nacional tenta descortinar um inimigo comum, que desvie, por algum tempo, a atenção dos eleitores, dos graves problemas internos, para supostos inimigos externos. Os “interesses britânicos” costumam surtir grande efeito, em situações como estas. É xenófobo, egoísta e um tanto reles, mas os políticos de Sua Majestade não costumam hesitar: apelar para a defesa desses “interesses” é um verdadeiro grito de “Às armas!”, que anula, instantaneamente, toda a racionalidade e decência e une os cidadãos até aí divididos, dispondo-os, na sua grande maioria, a apoiar o ministro, que, até há pouco queriam derrubar.

George Bernard Shaw, o grande dramaturgo irlandês, que conhecia os ingleses como ninguém – os irlandeses conhecem bem os ingleses, pelas piores razões possíveis – não os poupava, desmascarando-lhes as intenções torpes, por debaixo da nobreza dos princípios invocados. Era, precisamente, o autor de *Pigmaleão* quem observava, com tiro certo: “Um inglês faz tudo, invocando princípios: luta contra ti, ao abrigo de princípios patrióticos; rouba-te, invocando princípios de negócios; escraviza-te, alegando princípios imperiais.” Tudo – porrada, roubalheira, opressão – sob a alçada de um discurso nobilíssimo e alevantado.

O recurso a um chauvinismo nacionalista, em pleno palco de uma cimeira europeia, que deveria, por isso mesmo que é europeia, fazer esbater todos os pruridos nacionalistas, dá bem a medida do modo de ser insular daquela curiosa e, aliás, corajosa gente. “O nacionalismo”, observava um romancista de entre as duas guerras (Richard Aldington), “é um galo tonto a cacarejar no seu próprio chiqueiro.” Eis um anglo-saxão lúcido e sem medo de dar o nome aos bois. Outro – Robert Snayerson – oferece-nos esta medalha bem polida: “O orgulho nacional é a forma moderna do tribalismo.” Eis o que o inglês médio, mesmo no século XXI, ainda não compreendeu: de aí, persistir, absurdamente, na libra, na condução pela esquerda e no ódio ao sistema decimal. Admirável coerência, se

quiserem, mas alimentada em pura obtusidade.

Voltando a Cameron, típico produto do pior conservadorismo inglês, é mais do que provável que o primeiro ministro britânico tenha julgado “necessário”, para salvaguardar o seu futuro político, recorrer ao chauvinismo mais desbragado. Mas todos sabemos onde podem levar as chamadas “necessidades políticas”. O já citado George Bernard Shaw, persistente Nemésis dos vícios disfarçados dos ingleses, notava, provavelmente a pensar nestes, que “as necessidades políticas se revelam, por vezes, erros políticos.”

A invocação inoportuna dos “interesses britânicos”, particularmente no contexto de uma cimeira europeia, trouxe-me irresistivelmente à memória uma passagem célebre de uma das peças mais famosas do grande dramaturgo irlandês: *Santa Joana*. Numa reunião em que se congeminava o julgamento de Joana d’Arc, estando presentes o bispo Cauchon, Lord Warwick e um sanguíneo capelão inglês, Cauchon adverte: “Eu não sou meramente um bispo político: a minha fé é, para mim, o que a vossa honra é para vós; e se houver uma saída por onde esta baptizada filha de Deus possa esgueirar-se para obter a salvação, guiá-la-ei nessa direcção.” Isto irrita os ingleses, que querem “despachar” o julgamento e levar, rapidamente, a Donzela à fogueira. Iracundo, o capelão inglês reage, chamando “traidor” ao bispo francês, que se exalta e responde altivamente, nestes termos: “Vós mentis, padre. Se vos atreverdes a fazer o que esta mulher [Joana d’Arc] fez – pôr o vosso país acima da Santa Igreja Católica – ireis para a fogueira com ela.” Warwick, pragmático, conciliador, dirige-se, apreensivamente, ao bispo: “Meu Senhor: peço-vos desculpa pela palavra [traidor] usada por Messire John Stogumber. Não significa em Inglaterra o mesmo que em França. Na vossa língua, traidor signi-

fica aquele que trai: alguém que é pérfido, traçoeiro, desonesto, desleal. No nosso país, significa simplesmente alguém que não é totalmente devotado aos nossos interesses ingleses.”

Esta flecha envenenada, atirada por Shaw aos ingleses, desvela bem as grandes prioridades da pátria de Shakespeare, que se escondem um pouco por detrás daquele hipócrita “simplesmente” – os “interesses” são tão sagrados que o não total empenho na sua defesa seria – e é – nada menos do que alta traição, mais grave, de longe, do que o estupro ou o assassinio. Vem, a propósito, citar o romancista Malcolm Bradbury, quando dizia: “Gosto dos ingleses. Têm o código de imoralidade mais rígido do mundo.” E, também, digo eu, o mais original...

Os ingleses estão tão convencidos da sua superioridade em relação ao resto do mundo, que Cecil Rhodes afirmava que ter nascido inglês era o mesmo que ganhar a taluda, na lotaria da vida. E um personagem de uma peça de Shaw não hesita em afirmar: “Nós não fomos lealmente batidos, my Lord. Nenhum inglês é jamais lealmente batido.”

Há neste convencimento cego uma estreiteza, uma espécie de incesto sufocante e grotesco de que toda a gente se apercebe, menos os ingleses. O romancista e historiador H. G. Wells, espírito universalista e, sob tantos aspectos, tão pouco inglês, bem avisava: “A democracia ateniense sofreu muito devido à estreiteza do patriotismo, que é a ruína de todas as nações.”

Mais malcriados e directos, os franceses dizem-no de outra maneira: “O casamento produz cornudos e o patriotismo produz imbecis” (Paul Léautaud, *Journal*). Mas foi, afinal, Bernard Shaw (sempre ele!) quem disse o óbvio: “O patriotismo é a nossa convicção de que o nosso país é superior a todos os outros, por termos nascido nele.”

David Cameron e os ingleses, em geral, deviam meditar nestas verdades simples e humildes, para evitarem falar de “interesses britânicos”, em ocasiões em que o tom apropriado seria coesão e solidariedade. O anúncio recente de estarem a preparar uma grande armada para repescarem súbditos britânicos de uma alegadamente falida Europa continental vai direitinho para uma exigente antologia de disparates de dimensão galáctica!





## «Tempos» na Casa Barbot

A exposição de pintura «Tempos», da autoria de Maria Manuela Mendes da Silva, é inaugurada no próximo dia 13, às 21h30, na Casa da Cultura/Casa Barbot, em Vila Nova de Gaia. A sessão terá ainda um momento de poesia, com Fernando Soares. A mostra, que poderá ser visitada de segunda a sexta-feira, das 9 às 20 horas, ficará

patente até 29 de Fevereiro. «(...) cada tela assume uma série de tempos: ser estruturada, posta de lado... reordenada, posta de lado, e assim sucessivamente. Paro quando a soma dos elementos gráficos que compõe a tela me dão a ideia de querer abandonar as dimensões físicas que a restringem (...)', diz a própria pintora. Maria Manuela

Mendes da Silva nasceu no Porto e licenciou-se em Pintura na Escola Superior de Belas Artes. Foi professora de Educação Visual, de 1971 a 2006. Actualmente dedica-se exclusivamente à pintura. É ainda membro da Sociedade Nacional de Belas-Artes, e tem trabalhos expostos no European Museum of Modern Art.



## Esculturas na Guarda

A exposição «Ángelo de Sousa [1938-2011]: Ainda as esculturas» vai estar patente até 11 de Março na Galeria de Arte do teatro Municipal da Guarda. A inauguração da mostra, com entrada livre, está marcada para o próximo dia 14, às 18 horas.

## «From Florence with Love»

A galeria arthobler-porto vai inaugurar no dia 21 de Janeiro uma exposição individual de pintura e desenho – «From Florence with Love» – onde o artista Jules Maidoff apresenta as suas obras recentes. Maidoff, que nasceu em Nova Iorque, tem desenvolvido a sua obra sempre mais próximo da tradição humanista europeia, do que da corrente abstraccionista norte-americana do pós-guerra. A mostra estará patente até 24 de Fevereiro.



## Arte em forma de Hostel

A exposição «Figuraciones Del Amor», de Tiago Feijoo, pode ser visitada até 20 de Janeiro no Gallery Hostel, no Porto (Rua Miguel Bombarda). No mesmo espaço, é inaugurada no dia 21 uma exposição de fotografias de João Trindade.





TUNA/TNSJ

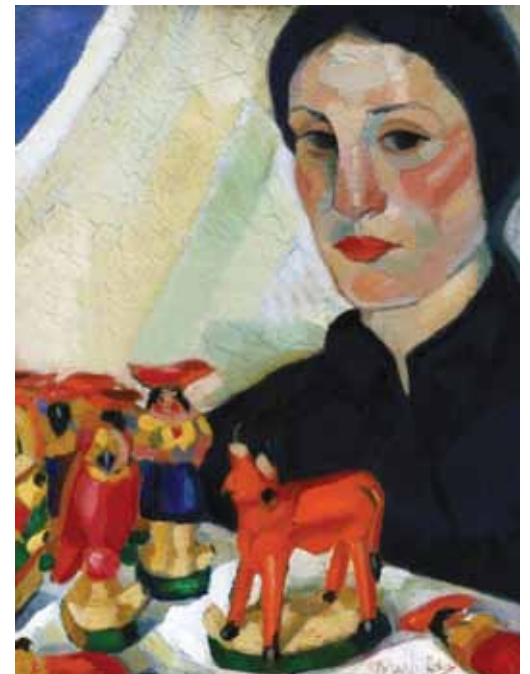
## «Nadir Afonso – no tempo e no lugar»

O Teatro Nacional São João, Porto, acolhe até ao dia 29 de Janeiro a exposição «Nadir Afonso – no tempo e no lugar», de Olívia Da Silva. A fotógrafa, dando continuidade ao seu trabalho de investigação sobre representação fotográfica e identidades pessoais, aceitou o desafio de fotografar Nadir Afonso. No tempo e no lugar é uma forma de fazer parte sem invadir, de poder captar as observações diegéticas do pintor como se este apenas falasse consigo e com as suas palavras entrasse dentro dos quadros por instantes. A inauguração da mostra (dia 6), no Salão Nobre do TNSJ, teve lugar no dia de estreia do documentário «Nadir Afonso – O Tempo Não Existe», realizada por Jorge Campos, também no TNSJ.



## «Pessoa, o Bairro e o Barro»

A Casa Fernando Pessoa, em Lisboa, inaugura no próximo dia 19 a exposição «Pessoa, o Bairro e o Barro». A mostra de cerâmica e desenho, de Teresa Cortez, poderá ser visitada até ao dia 31 de Março.



## “... Um vidro ténue”

A exposição «Entre mim e a vida há um vidro ténue» é inaugurada amanhã (dia 12), às 18h30, na Casa Fernando Pessoa, em Lisboa. A mostra, patente até dia 31 de Março, apresenta trabalhos da autoria de Luís Miguel Castro, que nos últimos meses vem desenvolvendo com regularidade várias obras plásticas, nomeadamente em papel de seda colado e cartolina cortada à mão.



## Percurso pela pintura em Viseu

Pode ser visitada até 15 de Janeiro no Museu Grão Vasco, em Viseu, a exposição de pintura com 47 obras da coleção Telo de Morais, denominada «Um percurso pela pintura portuguesa». A mostra, onde estão em destaque os séculos XIX e XX, permite uma viagem pela pintura portuguesa num espaço temporal balizado pelas décadas de 1850 e 1950, com excepção de três obras.

## «Caucase» em Braga

Está patente no Museu da Imagem, em Braga, a exposição «Caucase - Souvenirs de Voyage», da autoria de Sandra Rocha. A mostra, que pode ser visitada até 12 de Fevereiro, tem como tema central o território do Cáucaso.





«Porta de Outono», de Luísa Prior

### «De mãos dadas com a arte»

Um apontamento de poesia assinado pelo poeta e declamador Jorge Vieira marca o encerramento da exposição «De mãos dadas com a arte». A sessão está marcada para o próximo dia 14, às 15h30, na Galeria de Arte do Inatel, Porto, onde está patente a exposição. Esta mostra é comissariada pela pintora Luísa Prior e pode ser visitada ainda até ao dia 15.



### «Um mundo melhor»

A Sala Multiusos do Centro Cultural de Chaves acolhe até ao próximo dia 24 a exposição «Um mundo melhor». A mostra, de Luísa Batista, segue depois, de 27 de Janeiro a 5 de Fevereiro, para a Galeria de Arte Maria Priscila, em Vidago.



### «Ilustrarte 2012»

O Museu de Electricidade, em Lisboa, apresenta no próximo dia 13 a «Ilustrarte 2012». Esta é uma exposição que reúne os trabalhos dos 50 finalistas da V Bienal Internacional de Ilustração para a Infância. Ficará patente até 8 de Abril.

### Lince em banda desenhada

O parque temático Mundo em Festa, em Leça do Balio, Matosinhos, acolhe até 10 de Fevereiro uma exposição de banda desenhada sobre o lince ibérico. Esta exposição, denominada «Lince-Ibérico: a sua história em Portugal», é realizada em parceria com a Liga para a Protecção da Natureza e mostra a evolução desta espécie de felino que se encontra em risco de extinção na Península Ibérica.



### Salão Ibérico de Pintura

Está a decorrer o «1º Salão Ibérico de Pintura», organizado pela Galeria Aberta, Cais Art's, Josep Seguí e Câmara Municipal de S. Brás de Alportel. Esta exposição colectiva está patente até ao próximo dia 31 na Galeria Municipal de São Brás de Alportel.



«ONDE VOAM OS TEUS SONHOS?», DE SILVANA VIOLANTE



# HOMENAGENS

32º FESTIVAL INTERNACIONAL ///  
DE CINEMA DO PORTO //////////////

# FANT ASPO RTO 2012

RIVOLI TEATRO MUNICIPAL //////  
20 DE FEVEREIRO A 4 DE MARÇO

**ALAIN ROBBE-GRILLET**  
HOMENAGEM A UM DOS MAIORES CINEASTAS  
DO CINEMA FRANCÊS.

**ANTÓNIO PEDRO VASCONCELOS**  
O PRODUTOR/ REALIZADOR PORTUGUÊS QUE CONSEGUIU  
COM O SEU CINEMA A MELHOR RELAÇÃO QUALIDADE/PÚBLICO.

**KAREN SHAKHNAZAROV**  
UM DOS MAIS IMPORTANTES REALIZADORES RUSSOS DA ACTUALIDADE.  
ARGUMENTISTA, PRODUTOR E REALIZADOR, É AINDA,  
DIRECTOR DO MAIOR ESTÚDIO DE CINEMA RUSSO - A MOSFILM.

**LIVRES-TRÂNSITO JÁ À VENDA!**

[WWW.FANTASPORTO.COM](http://WWW.FANTASPORTO.COM)  
[FACEBOOK.COM/FANTASPORTO](https://FACEBOOK.COM/FANTASPORTO)

ALTO-PATROCÍNIO



PROTECTOR OFICIAL



MEDIA PARTNERS



APOIOS E PARCEIROS



prumma.com





**Ascêncio de Freitas**  
escritor

## O inverno do nosso descontentamento

**N**os dias que correm, na repetida mudança do outono para o sempre inde-sejado inverno, muitos de nós, os mais idosos, ficamos ansiosos e com um enorme peso no coração, na espera da primeira andorinha vinda da longuíssima viagem desde os confins da África e nos anunciará a primavera. Porque o termo dessa espera significa que já não é neste inverno que vamos entregar a alma ao Criador, abrindo vaga para os candidatos em fila, todos tão ansiosos uns como os outros à espera da morte. As gripes sorrateiras do inverno – apesar dos muitos agasalhos usados na rua e da calefação eléctrica ou a óleo dentro de casa – não evitam que os brônquios entrem em conchavo com o fígado maltratado, o excesso de açúcar no sangue, o coração fraco e descompassado e, baubau!, ainda que sem vontade para o fazer lá temos que nos perfilar diante de São Pedro, que dizem ser o restritivo porteiro do céu.

Assim, que venha a primavera – sem cravos, que são de mau agouro –, em primeira mão anunciada à beira das estradas e caminhos pelo amarelo brilhante da poligonácea azeda “rumex acetosa”! Porque no período agudo de uma mudança de clima – sobretudo como o excessivo e prolongado inverno que vivemos (com a novidade de tornados a mistura) – sempre associado aos bacilos de Pfeiffer da gripe traiçoeira, parece que não irá ter fim, mesmo sem querer sou forçado a pensar que terei de abandonar o meu lugar no mundo a outro qualquer em melhores condições físicas do que eu. Isto é, ainda que de renitente má vontade tenho que deixar outro qualquer substituir-me no primeiro lugar do “ranking” de partida, porque eu... já era. O meu vil e transitório corpo leva a rasteira fatal e coloca-nos em posição de definitiva letalidade, ou, mais praticamente dizendo, para sempre em posição de gaveta, ainda que lá muito em baixo, nas curvas mais próximas do inconsciente e distantes do cérebro, cuja função cruel e covarde é enganar-nos dando-nos a sensação de que ainda sonhamos quando a realidade hesita duramente e em vão parecendo querer recapturar-nos para uma existência que temos que nos resignar aceitando que chegou ao fim, aí começa o engano comum: já meio mortos, ainda pensamos em qualquer coisa que nos possa fazer viver sentindo todas as manhãs, ao acordar, as mesmas



dúvidas, a mesma insatisfação e a tendência para nos deixarmos burlar por qualquer parlapição, até que de repente entra em cena a nossa

aposentadoria intelectual, e aí, sim, é o fim da história, se a primavera não der uma apressada corridinha a tempo de nos salvar.



**Isabel Gouveia**  
escritora

## Floresta de enganos

**N**a miscelânea de plantas que povoavam aquela floresta, pequena “cidade vegetal” parcialmente desvirginada, ela, a árvore gigante, sempre sobressaía. Aí, algumas árvores já tinham sofrido algumas violações. Desfeita a sua forma original através duma poda estudada em todos os pormenores, exibiam agora uma beleza e uma distinção que as ligava entre si e distanciava das pobres plantas ali nascidas e crescidas ao sabor do tempo e do espaço disponível. No entanto, como já foi insinuado, entre as árvores que por virtude dessas operações estéticas se evidenciavam, exibindo variadas formas e variados tons, havia uma que, pela sua altura, ainda se destacava mais do conjunto. Ela, a árvore gigante, olhava as outras com sobranceira, muito embora fingisse ser protectora, sempre vigilante, em face de qualquer anormalidade que perturbasse o ambiente. Captava para si a maioria das atenções, e até os raios de sol se infiltravam com maior prazer no seu tronco e na sua folhagem de um verde brilhante, tornando-a ainda mais luminosa e atraente.

Todas as árvores daquela pequena cidade, que pela sua tendência artística bem poderia ser considerada um jardim, odiavam-se mutuamente, tinham ciúmes recíprocos, uniam-se apenas com a finalidade de obter vantagens. Olhavam a árvore sobranceira com muito respeito. Ela, a árvore gigante, dava cartas naquele meio. Distribuía a sua sombra generosamente e, quando o vento a fustigava, abria as suas asas poderosas, os seus amplos ramos imunes à poda. Todas as companheiras se sentiam seguras e abrigadas. Quando havia temporal e a chuva ou a neve caíam com abundância, a humidade que absorvia era o sufi-

ciente para lhes matar a sede por algum tempo.

Mas como não há bela sem senão, as árvores daquela pequena cidade eram todas estéreis. Não davam frutos. Ora acontece que, por milagre, caiu entre as mesmas a semente de uma árvore fértil. A semente germinou, e a planta, quando deitou a cabeça de fora, tomou conta do seu espaço. Pouco a pouco, foi-se tornando frondosa. Não era muito alta nem a princípio muito vistosa. Não ofuscava a árvore dominadora, que possuía o maior ego daquela cidade-floresta. Não se intrometia nas relações entre as outras árvores.

Numa linda e memorável Primavera, a modesta árvore, nascida duma semente que ali caiu por milagre, encheu-se de flores. As árvores de formas esculpidas começaram a roer-se de inveja. Já não era a inveja normal que nutriam umas pelas outras. Era uma inveja maior, mais redonda, como uma bola de neve que ia engrossando, engrossando, com a adesão do sentimento das companheiras. Todas contavam com a sua majestosa protectora para fazer a justiça que julgavam impor-se. As flores da intrusa precisavam de sol para frutificarem. Aqui e além, já despontavam algumas bagas coloridas. Os braços-asas de ela, a árvore gigante, poderiam atrasar esse processo, até arrançarem uma solução mais eficaz. Era imperioso pôr essa intrometida no seu lugar. Era urgente arrancá-la, lançá-la por terra e, se possível, deitar-lhe o fogo.

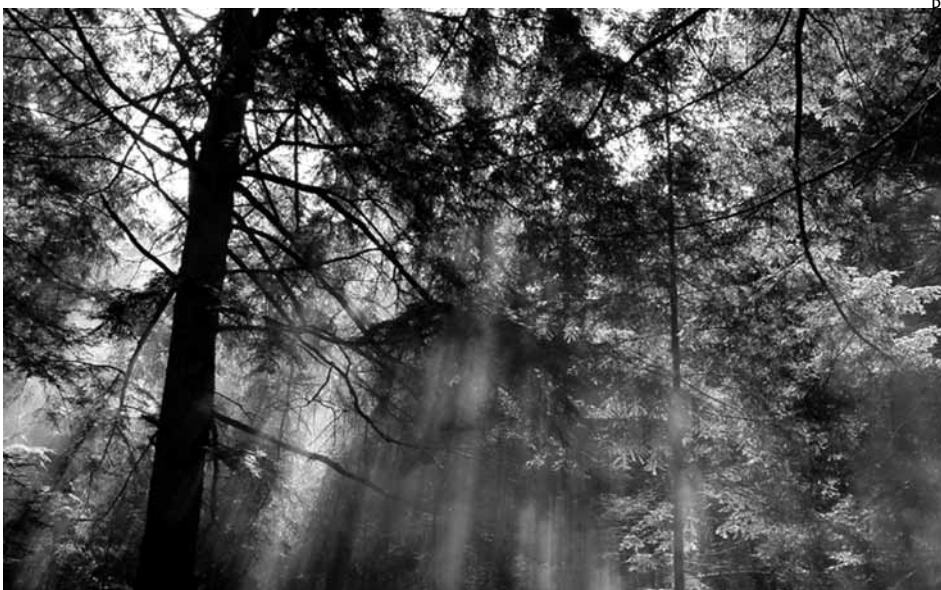
Apesar do invejoso desdém das outras árvores, que instigavam ela, a árvore gigante, a estender sobre a árvore-penetra os seus braços-asas, roubando-lhe o sol, já havia muitos frutos coloridos a embelezar o restrito espaço de que a intrusa se havia apoderado. As atenções começaram a convergir para essa espécie

rara, nascida e crescida no meio da pequena cidade vegetal.

As plantas humildes, e algumas rasteiras, que nunca tinham sido podadas e formatadas, olhavam com admiração e algum medo os frutos vistosos. Mas as árvores operadas para dominarem o ambiente com as suas formas harmoniosas passaram a viver em stresse. Essa praga alastrou, contagiando-as a todas. Suas folhas verdes brilhantes ficaram amareladas e baças. Quando o sol lhes batia em cheio, enrodilhavam-se sobre si próprias. Quando o vento soprava forte, já não conseguiam dominar os ramos que tinham escapado ao machado castrador. Mas, depois de cada período de abatimento, ela, a árvore gigante, voltava a recuperar as forças perdidas e a assumir a sua orgulhosa pose. Temendo o mistério que parecia estar-lhe ligado, havia quem a espreitasse, noite e dia, e jurasse ver ao lusco-fusco umas luzinhas que a alimentavam...Que força sobrenatural a protegia?

Então, as plantas rasteiras e humildes, desgostosas com os maus sentimentos das outras, resolveram inventar e pôr em acção uma estratégia de auxílio. Durante a noite, nas horas de vazio, quando tudo estava calmo e em silêncio, as mais afoitas trepavam por ela, a árvore gigante. Invadiam-lhe o tronco e os ramos com uma profusão castradora que os sufocava e não lhes permitia baloiçar ao sabor do vento. Sabiam que essa ligação era perigosa para a sua própria sobrevivência, mas imolavam-se para bem da inocente intrusa que desde o seu aparecimento sempre as tinha estimadas. Tinham algum medo, mas também a esperança e a crença de que as suas outras irmãs rasteiras iriam escapar às tais forças ocultas que, segundo se dizia, surgiam ao lusco-fusco com os seus focos luminosos... Ela, a árvore gigante, não conseguindo desembaraçar-se dos abraços castigadores das plantas humildes, começou a definhar a olhos vistos. Seu tronco agora envelhecia. Seus ramos perdiam todo o vigor. Era urgente podá-los. Mas poderiam ainda voltar a ser como dantes? Que era feito das tais luzinhas sobrenaturais que ao lusco-fusco os reconstituíam?

E assim ela, a árvore gigante, que tinha sido o orgulho da pequena cidade vegetal, passou a ser um grande estorvo. Nem a fama anteriormente ganha lhe pôde valer. Seu tronco ressequido foi sendo cortado, aos poucos, com um machado e uma serra eléctrica. Desapareceu por completo. As árvores menores, suas apaniguadas, tiveram o mesmo destino. Tendo sucumbido às depressões que as atacaram após a destruição da sua companheira gigante, foram rapidamente substituídas por árvores iguais àquela que tinha nascido da tal semente caída do céu...





**Paulo Ferreira da Cunha**  
lusofilias@gmail.com

## A flecha de Nemrod

Aristóteles dizia que temos naturalmente o desejo de conhecer<sup>1</sup>. Parece que também temos o de criar e o de comunicar.

Pelo menos quando se faz no nosso pensamento (e na nossa emoção também: por vezes mais no coração, por vezes mais na cabeça) uma ideia clara ou pelo menos suficientemente complexa e consistente do que se pretende transmitir, há um impulso irresistível de comunicar. Parece ser uma necessidade transbordante de partilhar o que se concebeu: com um outro, com vários outros, com um público.

Evidentemente que há quem queira comunicar por comunicar, sem que tenha nada para dizer de próprio, original, especial, ou importante. Mas esse é um outro fenómeno, de até alguma diluição do comunicador na própria comunicação. Ele é mais canal do que manancial.

Afora esses casos, não tão raros assim, dos que vivem do contacto, e, no limite, dos que anseiam por aprovação e aplauso (quantas vezes *proprio sensu* mesmo), e também excluindo aqueles escassos avarentos que criam apenas para seu próprio entretenimento, sem desejarem partilhar, há um drama muito grande no criador.

Um dia, um notável escritor e pintor (que não interessa agora nomear, porque estigmatizado ainda por muitos devido a outros aspectos da sua ação), comentou na televisão, com simplicidade mas com muita agudeza, o drama de se ter dentro de nós uma ideia e não se dominarem completamente os meios técnicos para a exprimir. É como o drama – dizemos agora nós – dessa estátua que se encontra aprisionada dentro da camisa de forças do frio bloco de mármore, à espera do Miguel Ângelo que a liberte. E pois não fora isso o que o Padre António Vieira relatara também, na sua descrição do estatúário, no seu conhecido Sermão, precisamente do Espírito Santo?<sup>2</sup>

Só que não é privativo da Escultura este sentimento de clausura da obra, de impotência do artista para a libertar e a tornar talvez de arquétipo em coisa sublunar.

Temos secretamente a sensação que alguns pintores e escultores não pintam ou esculpem como realmente gostariam. Que as suas obras não correspondem à imagem mental que delas haviam feito. Depois, resignam-se com a aproximação material ao imaterial, que ouviram chamar «estilo», e que é, assim, um prémio de consolação.

O *labor limae* literário será certamente mais fácil, corrigindo e corrigindo. Como se sabe, o próprio Eça, não possuindo um vocabulário riquíssimo como o de um



Camilo, ia burilando, colhendo abundantemente em imagem, o que lhe faltava em léxico. E a metáfora supera o dicionário.

Mas começa a luta do artista com a sua matéria. Se as imagens mentais se pudessem fixar e depois transmitir, como quem manda um *e mail* para vários recetores, tudo seria muito mais fácil. Assim, é a luta de Jacob com o anjo da transmissão da Ideia. E em certos casos, o criador encontra-se numa espécie de suplício de Tântalo, porque tem à sua volta a intuição de como o problema se resolveria quicá noutra arte que não a sua. Daí, também, alguns violinos de Ingres.

Quantas vezes, ao deslizar a caneta na folha branca (mítico tabu de quem não é verdadeiramente criador: nunca um vero escritor, a sério, terá recuado perante o papel – cremos ser mais uma mentira piedosa para consolar os que têm pouco que dizer) não deu vontade ao escritor de tracejar, pontilhar, sombrear, esfumar, para que o desenho (sempre desenhamos afinal) viesse a ficar mais contrastado e a perspectiva mais verídica, quer dizer, mais de acordo com a imagem mental que da cena ou do retrato o autor tem?

Uma das questões com que o criador tem de se debater, e que pode levar a muitos mal entendidos, é a do «cenário» do seu tema. Cenário em sentido muito lato, claro está. Quer ele falar, por exemplo, da Justiça, do Amor, da Heroicidade... Mas precisa de uma estória ilustrativa ou exemplar (alguns usam estórias tradicionais, velhos mitos, etc., outros criam *ex novo*, argamassando o vivido com o inventado), precisa de uma localização, ainda que esta não seja nada de conhecido. É assim natural que venha a ser mal entendido, e que a crítica e até o público se atenham ao particular, quando este é apenas epifenoménico (ainda que bem arquitetado e estilisticamente cuidado ou até belo).

Por exemplo, Robert Graves considera Kipling nada

menos que «o aspecto literário do império britânico». Agrilhoa-o a uma política, e rabaixa-o assim como criador. Já André Malraux e os seus camaradas de liceu (bem como as cartas de Alain Fournier) foram mais fundo que o crítico, e na sua obra exaltante não viram imperialismo mas apenas uma mensagem universal de uma concepção heróica da existência, que não é – obviamente – nem especificamente britânica, nem imperialista<sup>3</sup>.

Recordamos, para dar um exemplo português, que depois da saída do romance de Reinaldo de Carvalho *Terras Pardas*<sup>4</sup> houve quem louvasse nele o novo Aquilino, considerando-o uma

obra excelente obra regionalista. Nada de mais limitador. É, ainda hoje, um livro complexo e muito rico (até estilisticamente, e para além dos regionalismos e da cor local), em que, entre muitas outras coisas, há, por exemplo, uma interessante filosofia implícita sobre a Justiça. Dar o salto ou não dar o salto do particular para o universal é um problema do leitor e do crítico, mas, antes de mais, do autor. Porque pode haver mesmo casos em que a estória seja mesmo restrita ao ambiente e à intriga restrita aí retratada. Nos dois casos citados, os autores eram universais. A questão está em haver quem o percebe ou não.

O rei Nemrod, soberbo construtor da torre de Babel, quer ferir os céus com a sua flecha. Mas embora ele seja um excelente arqueiro, algo corre mal: lançado o projétil, vai-se logo cravar num pássaro que o vem colher antes que se eleve poucos metros. As línguas são confundidas, e a torre é abandonada. É uma cena muito impressivamente pintada no filme *The Bible: In the Beginning...* de John Houston (1966). E este drama da refrangência da ação humana a fortiori ocorre na arte.

« Deus quer, o Homem sonha, a obra nasce » – o problema é que não chega ao Homem sonhar com a obra para ela nascer. Ele precisa de emprestar a Deus e à obra a sua colaboração decisiva, fazendo-a concretamente. E passar da criação mental à criação material não é transpor um pequeno Rubicão.

### NOTA:

<sup>1</sup> ARISTÓTELES – *Metafísica*, A, 1 (980 a).

<sup>2</sup> VIEIRA, Padre António – *Obras Completas. Sermões*, ed. rev. e prefaciada pelo Rev.º P.e Gonçalo Alves, Porto, Lello, 1959, Tomo V, p. 424.

<sup>3</sup> Cf. MALRAUX, André – *Magiciens et logiciens*, 15.ª ed., Paris, Grasset, 1935, p. 23.

<sup>4</sup> CARVALHO, Reinaldo de – *Terras Pardas*, Porto, Rés, 1978.



**Castro Guedes**  
encenador

## Nem sempre na orla marítima do Alto-Minho morre trucidado de desgosto um poeta

*In memoriam António Pedro*

**T**rago aqui este exemplo fora de comemorações, evocações ou sequer em homenagem ou desagravo ao visado. Mas vale a pena pensar na parte das biografias que se tendem a esquecer, às vezes diria mesmo a “esconder”, sobretudo quando estragam o “happy-end”.

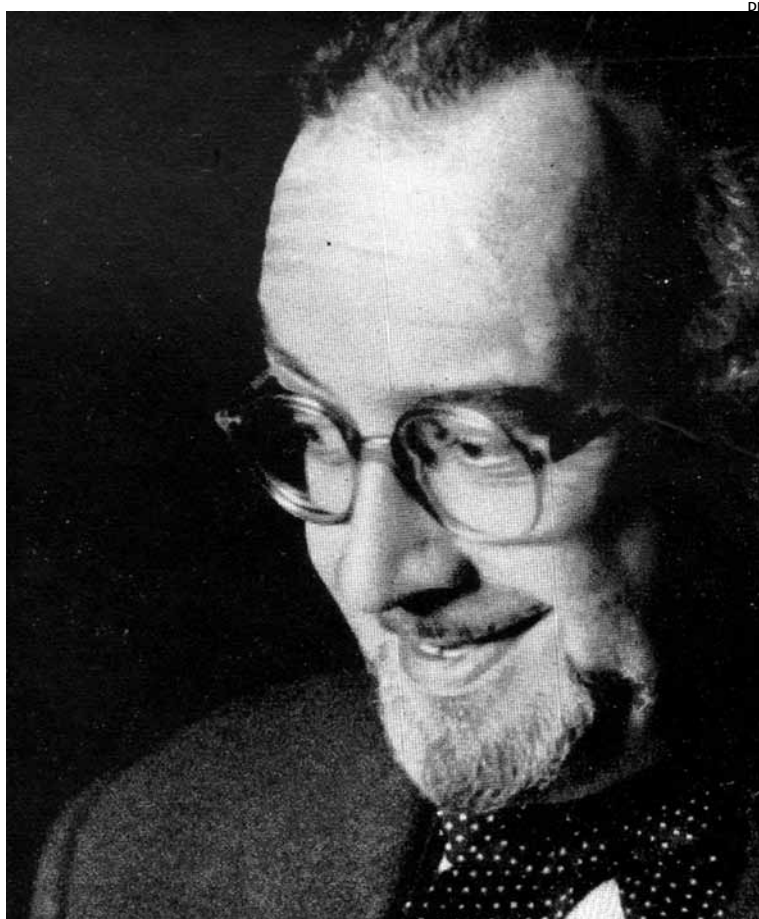
António Pedro, após ter guindado o TEP até patamares elevadíssimos, viu-se, da noite para o dia, posto fora da instituição por decisão LEGAL da direcção do CCT (Círculo de Cultura Teatral), que era a fórmula jurídica que albergava o TEP. Sim, o de António Pedro donde saíram actores como João Guedes, Dalila Rocha, Alda Rodrigues, Baptista Fernandes; sim, o que ia a Lisboa “espantar” o público, pedindo meças ao teatro de mestre Ribeirinho, quando teatro profissional residente fora de Lisboa não existia. Sim, o que permitiu ao CCT ter chegado a ser a instituição do norte com mais associados, apenas batida pelo F. C. do Porto!

Claro que há mérito entre os vários outros que se mobilizaram em tor-

no do projecto e fundaram a associação do CCT, e dentre os quais, não constava sequer António Pedro. Mas nada que se possa comparar ao TEP de António Pedro. Outros momentos houve, depois dele, em que o TEP deu ar da sua graça: com a célebre “Bernarda Alba” encenada por Angel Facio, também escoraçado; quando o CCT se soube resumir ao seu papel de uma fórmula jurídica para acolher “Os Emigrantes” em encenação de João Lourenço, por exemplos. Porém, o traço dominante foi o declínio até chegar a uma sigla sem alma, sem público, sem sala.

António Pedro veio a fazer a sua última encenação na companhia “herdeira” dos “discípulos” de Ribeirinho: o Teatro Moderno de Lisboa. Com a ironia de um título, a quem, infelizmente não fez jus na aplicação sobre os que o apunhalaram, que bem traduzido sem ser à letra, será “Olho por Olho, Dente por Dente” (“Measure for Measure” de Shakespeare).

Dissidências ideológicas? Estéticas? Programáticas? Aspectos financeiros?... Nada disso. A única verda-



deira razão que moveu os que expulsaram António Pedro do local de êxito que ele fizera foi ambição mesquinha do penacho e aquele defeito tão grave que perpassa muitos dos meios no meio da intelectualidade portuguesa, e especialmente portuense: a terrível invejazinha. Ou como me disse um dia João Guedes, num jogo metafórico baseado na realidade do 1,90m de António Pedro: o homem era grande e fazia muita sombra...

Perante isto, a questão que se põe é a de saber se na História do Teatro Português, o momento alto do TEP pertence ao conjunto dos fonemas que lhe dão a sonoridade ou ao mérito de António Pedro? Ou seja, no fundamental, do que neste tipo de coisas se trata é de saber se o aforismo de que “ninguém é insubstituível” se aplica ao criador ou à criatura.

Imaginem, por instantes, que a História da Arte se enchia dos nomes dos marqueses e marquesas pintados por encomenda e desapareciam ou eram considerados apenas “um dos pintores” Da Vinci,

Rafaello, Velásquez, Rembrandt; e no capítulo dos nossos contemporâneos só rezavam os nomes das Galerias onde expuseram e/ou expõem Paula Rêgo ou Bacon? E Saramago deve o Nobel à editora e à distribuidora, por mais mérito que elas partilhem? E Shakespeare ficou famoso por actuar no Globe ou dele sabemos o nome porque aí esteve o teatro de Shakespeare?

Provavelmente, à época, a grande parte dos que conheciam e acorriam ao teatro feito pelo TEP, nem do nome de António Pedro se apercebiam. Porém, com o decaimento da obra apresentada e da falta de visão estratégica após a sua saída os espectadores começaram a deixar de se mobilizarem para ir lá, num processo lento e agónico. E, hoje, dos directores que fizeram de cozeiros, sem vergonha e sem obra: alguém se lembra do nome?

António Pedro, com o desgosto, morreu de asma, tendo praticamente abandonado os tratamentos, numa casa em Moledo do Minho, e o TEP foi-se decompondo, até Júlio Gago, que merece reverência por

isso, das ossadas fez alguma coisa, mas sobretudo por respeito e em memória de António Pedro. Mas nunca mais voltou – e dificilmente voltará – a ser o mesmo. Porém, o que seria se, pelo meio, não tivesse havido tanta estupidez (é o nome exacto) e “cupidez social” dessa gentinha que expulsou o “obrador” da que foi uma das principais referências históricas das companhias de teatro em Portugal?

Desta história triste só não fica um sabor de derrota impossível de evitar totalmente porque outros conseguem vencer, vencendo-se a si mesmos. Se não existissem e se não praticassem palavras como coragem, crença e razão, ninguém teria sequer, numa escala de proporções incomparáveis na devastação e no horror, parado os “Pánzer” nas estepes russas, nem o desembarque da Normandia teria acontecido... E os tanques pararam e os soldados chegaram a Berlim.

Nem sempre na orla marítima do Alto-Minho morre trucidado de desgosto um Poeta.



**António Oliveira**  
doutor em ciências da literatura

## Sobre a revisão da estrutura curricular

O Ministério de Educação apresentou, ultimamente, uma proposta-base da Revisão da Estrutura Curricular, sobre a qual todo e qualquer cidadão poderá enviar, até 31 de Janeiro, os seus comentários e as suas propostas por mail, contribuindo, diz o folheto, para a criação de «consensos que garantam a melhoria da qualidade do ensino». Acontece que sou professor há mais de trinta anos e ouço, frequentemente, esta mesma lengalenga que tem servido de panaceia ao nosso ensino, mas que em nada melhora a sua qualidade, pelo contrário. Basta lembrar que o Decreto-Lei nº 94/2011 de 3 de agosto e o Decreto-Lei nº 50/2011 de 8 de abril já alteravam as matrizes curriculares anteriores. O desejo de alterar o que foi alterado é pródigo neste país, mas ninguém se lembra de avaliar os «alteradores». Para além de que, da leitura deste texto demasiado sucinto, se depreende que está à vista uma reformulação dos programas e das metas «com vista à melhoria das aprendizagens», agora que acabámos de aprovar manuais escolares com prazo de seis anos!

A Comunicação Social tem dado mais espaço a este documento emanado do Ministério da Educação, do que, na verdade ele merece. Alguns meios de comunicação até o rotulam, levemente, de «reforma curricular», quando uma reforma, do latim reformare (reconstituir, formar de novo) significa mudança radical ou importante, com a finalidade de melhorar (ainda que o texto diga que é o «início de um caminho para reformas curriculares»). As principais medidas propostas são, basicamente, as seguintes:

- eliminação da disciplina de Formação Cívica, nos 2º e 3º ciclos de Ensino Básico e no 10º ano do Secundário, – disciplina introduzida este ano letivo que nem sequer teve tempo para dar rebentos! (Eu até acho bem! Pois que papel tem um pedagogo senão o de educar os seus alunos para valores cívicos fundamentais, numa dimensão transversal da sua disciplina?);
- no 3º ciclo, separação entre as disciplinas de Educação Visual e de Educação Tecnológica que, doravante, funcionarão autónomas; introdução de mais 45 minutos nas Ciências Humanas e Sociais (história geografia); e, finalmente, mais 90 minutos nas Ciências Físicas e Naturais.

- no Secundário, um pequeno ajuste de 45 minutos na Formação Específica e a redução do número de disciplinas de opção anual no 12º ano.

Em suma, estas propostas de revisão não passam de alterações pontuais que, a meu ver, em nada vão melhorar o ensino. E mais. O dito documento, de-



masiado lacónico, alimenta-se, como é apanágio dos legisladores portugueses, de redundância, de lirismo e de intenções generosamente muito vagas, deixando tudo como estava ou deixando tudo em aberto. O paradigma deste lirismo tipicamente português está patente na seguinte frase: «Os pressupostos que orientam as medidas propostas assentam na definição de objectivos claros, rigorosos, mensuráveis e avaliáveis, reorientando o ensino para os conteúdos disciplinares centrais». As ideias contidas, (e fortemente abstratas) nesta frase, dariam para uma tese de doutoramento em Ciências da Educação. Mas o que mais me seduz, nesta panóplia de adjetivos, é a expressão «os conteúdos centrais». Por diversas vezes, o documento refere a importância das disciplinas fundamentais ou «conhecimento estruturante» ou «disciplinas centrais» ou ainda «disciplinas essenciais», salientando a importância da valorização do conhecimento social e humano.

Decorre desta (suposta) vontade de valorizar as ciências sociais e humanas uma certa incongruência entre a vontade e a componente horária das disciplinas «sociais e humanas». No Ensino Secundário, onde os alunos deverão ter adquirido as bases de conhecimento para enfrentar o Ensino Superior, mais autónomo e mais exigente, as tais disciplinas «essenciais» precisavam de uma carga horária mais alargada. Na realidade, História, Filosofia, Literatura e Português, necessitavam de mais horas de estudo, porque na transversalidade destas disciplinas aprende-se muito português e muito saber viver. Os clássicos presentes são (serão) sempre os padrões indispensáveis para o conhecimento de verdadeiros valores humanitários.

(E aqui entra outra grande discussão: a dos programas). Um dos responsáveis do nosso insucesso é o facto de os nossos alunos (e não só) não entenderem português. Não sabem matemática porque não compreendem português, não sabem história, nem inglês, nem sabem fazer relatórios de biologia porque não sabem escrever. O português é fundamental, na medida em que é a disciplina mais estruturante das disciplinas estruturantes. Aliás, nos Conselhos de Turma, a lei obriga a que todos os professores do conselho se pronunciem sobre a competência de língua portuguesa dos alunos.

Outra incongruência da estrutura curricular em vigor reside no facto da disciplina de Literatura Portuguesa, integrada no Curso Científico-humanístico de Línguas e Humanidades, fazer parte das opções na componente específica! Não se compreende por que razão uma disciplina estruturante para um curso de humanidades não é obrigatória. E o pior de tudo isto é o desconhecimento das potencialidades desta disciplina, tanto na componente humana como na de língua portuguesa que faz com ela seja pouco solicitada, por parte de pais e alunos. Infelizmente!

A «dispersão curricular», referida neste documento, não é da responsabilidade dos principais agentes da Educação que são os professores e os alunos, mas sim dos governantes que se dispersam por outros valores. Era bom que houvesse mais consistência nos nossos governantes das várias governações e menos dispersão nas ideologias políticas. O insucesso escolar começa aqui!

Por vezes, até penso que os nossos governantes nunca foram à escola!

envie as perguntas para [atejazz@gmail.com](mailto:atejazz@gmail.com)

## Até jazz

**'a menina dança?' desde 1989 agora na RTP Antena 1 das 05h10 às 06h00 e 23h10 às 24h00 - autoria e apresentação José Duarte**

José Duarte responde a Pedro Lima

Que comentário faz à morte Sam Rivers e como se pode descrever o papel deste saxofonista e compositor norte-americano no mundo do Jazz?

**Sam Rivers foi-se embora...**

durou 88

foi um notável Artista jazz daquela Arte Musical afro-americana via escravatura com autoria europeia: jazz

foi um instrumentistas em vários mas no qual teve um relativo sucesso foi no sax tenor na flauta no soprano  
escrevi relativo em vez de malvado porque tudo por cá e por lá é relativo

Sam foi um dos jazzmen que trabalham para as vedetas em gravações em concertos em ensaios e os mal chamados principais ficam na História e todos os outros nela nem constam



quantos músicos dos quais nomes e perfis são desconhecidos estão agora a tocar em estilo jazz? sim quantos? dezenas de milhares como no football? mais!

quem sabe que o senhor Rivers tocou no 5teto de Miles Davis celebrado trompetista no princípio dos anos 60 na Japão depois de George Coleman antes de Wayne Shorter? ninguém!

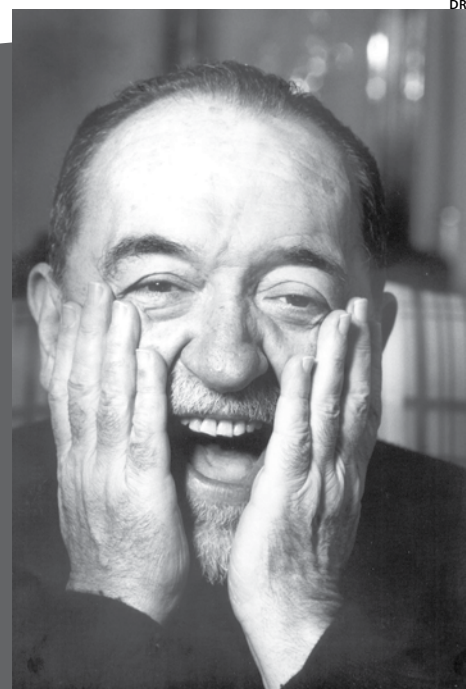
quem sabe que o senhor Rivers 'descobriu' Tony Williams e com ele tocou com Galper (piano) e Grimes (baixo) aos 13 de idade do baterista? ninguém só quem me lê e quem leu quem li

foi prof de professor e foi prof de profissional aprendeu com Hawkins (Coleman Hawkins) ensinou Coleman (Steve Coleman) tantos outros mais velhos ouviu tantos outros mais novos ensinou

há décadas como poucos outros tocava free jazz e atualizado se manteve até ao fim depois de new orleans / swing / bebop / hard bop / free hoje em dia jazz é todo ele mainstream está entre e com todos os atrás referidos estilos é pouco vendável e tem balanço (ex-swing) tem improvisação coletiva e há solos ou não há solos e tem fraseado pós-bop e tem 'mentirosa' aceitação na classe média na burguesia e tem como sempre teve liberdade de e na expressão sonora

Sam Rivers até praticava direção em grandes orquestras as bem ditas big bands sempre com chapéu estivesse onde estivesse – hábito entre jazzmen negros n-americanos – e nada parecido com o sobrinho de Rosemary Clooney a sua expressão física acompanhava os gritos e as estranhezas de seu jazz de sua Música

conheci-o nos anos 70 do passado século na ilha de Manhattan vivia-se a época dos lofts médios open space jazz e o casal Rivers possuía um bastante popular



onde tocavam jazzmen da frente...

foi lá que o conheci e a sua companheira Beatriz à americana Beatrice e de Riv de Rivers com Bea de Beatrice assim se chamava o interessante espaço plano e grande: Studio Rivbea em Bond Street

no Rivbea que esse sim está História e talvez por isto se juntavam artistas jazz como Braxton ou Rashied Ali ou Dave Holland (!)

Sam Rivers tinha uma personalidade afável sempre prestável com simpatia e culta em jazz pudera...

sua discografia começou com um excelente LP 'Fuschia Swing Song' para a etiqueta Blue Note em 1964 tendo com ele atingido logo no princípio a melhor popularidade de sua carreira em CD e LP embora tenha acabado muito bem com dois CD candidatos a Grammy: 'Inspiration' em 1999 e 'Culmination' em 2000 ambos para a RCA

em 2001 tive oportunidade de o convidar para tocar em trio para a RTP 2 gravação no Porto para um dos trabalhos - foram 14 - em que fui autor e apresentador: 'Jazz a Preto e Branco'

quando ou se a RTP os apresentar em venda pública em DVD terão então sim ao ouvi-lo a rara oportunidade de o conhecer por 'Jazz a Preto e Branco' passaram: Paula Oliveira, Roy Campbell, Mário Laginha, John Taylor, Carlos Barretto, Steve Lacy, Jorge Lima Barreto, Norma Winstone, Misha Menshelberg, entre outros

Sam Rivers foi o 'Sugar' Ray Robinson no jazz: um campeão entre os médios

**PROJECTO DE INVESTIGADORES PORTUGUESES  
EM FASE DE INCUBAÇÃO NO PARQUE TECNOLÓGICO DA UNIVERSIDADE DO PORTO**

# Plantas in vitro com mais rendimento

**Está na fase de incubação no Parque Tecnológico da Universidade do Porto um processo de criação de plantas medicinais e aromáticas in vitro desenvolvido por três jovens investigadores portugueses - David Pereira, João Fernandes e Henrique Nascimento. O projecto, que já foi premiado, permite aumentar o rendimento, de 1 para pelo menos 5 por cento, de um determinado composto bioactivo da planta em relação ao seu meio natural. Ao jornal As Artes entre As Letras, David Pereira explicou todo o processo.**

Paulo Francisco Carvalho

**Em que consiste e como desenvolveram este processo de criação de plantas medicinais e aromáticas in vitro?**

O processo de desenvolvimento de plantas in vitro consiste no seu crescimento e desenvolvimento em ambientes controlados, frequentemente laboratório. Além disso, as plantas são mantidas em substratos de cultura cuja composição é bem definida. O nosso projecto passa por aliar este processo de cultura ao conhecimento das vias biossintética e fitoquímica da planta, identificando os passos onde podemos intervir, aumentando assim o rendimento.

**Qual a grande vantagem deste processo?**

A grande vantagem deste processo passa pelo aumento de rendimento em compostos bioactivos que é conseguido mediante a manipulação de algumas variáveis do ambiente de crescimento da planta. Assim, enquanto uma planta no seu habitat natural pode ter, por exemplo, 1% de um determinado composto de interesse, no nosso processo pode atingir os 5%, ou mais... O aumento conseguido dependerá sempre da espécie da planta e também do tipo de composto que estamos a tentar aumentar.

**Quando é que o projecto será implementado no terreno?**

O projecto divide-se em duas fases. A primeira fase, já a decorrer, envolve a prestação de serviços na área das análises fitoquímicas (análise dos constituintes das plantas) e na avaliação das propriedades biológicas das plantas. Este serviço é direccionado aos produtores de plantas



aromáticas e medicinais que desejam analisar a composição qualitativa e quantitativa das plantas que produzem, enquanto garantia da qualidade. Simultaneamente, é também possível analisar e confirmar em laboratório algumas das actividades biológicas que são tradicionalmente atribuídas a algumas destas espécies.

A segunda fase do processo, envolvendo a produção de plantas, está prevista para os anos 2012/2013, de acordo com os apoios reunidos.

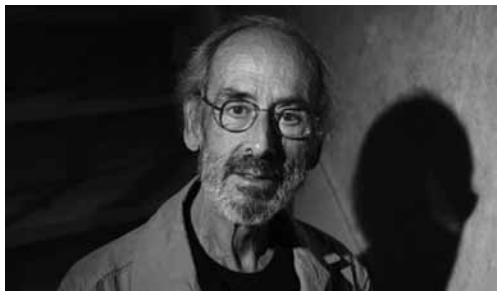
**O vosso projecto já foi vencedor do prémio Start Now e distinguido com uma menção honrosa na Universidade do Porto. Estas distinções são uma grande ajuda ao desenvolvimento do processo?**

Acima de tudo, os reconhecimentos que temos tido são um excelente estímulo para continuar e aumentam, ainda mais, a nossa motivação. No entanto, é óbvio que os prémios, sejam monetários ou em serviços, são muito importantes para a viabilidade do projecto, uma vez que é na fase de desenvolvimento e implementação que as

«startup» precisam de mais ajuda, uma vez que se encontram numa fase muito embrionária e, portanto, mais frágil.

**Como foi acolhido a vossa ideia na “comunidade científica” e que apoios tiveram para a sua concretização?**

O feedback que temos tido, essencialmente no nosso local de trabalho, tem sido francamente positivo e extremamente motivador. Julgamos que existe a vontade generalizada de ajudar a ciência a transpor as fronteiras das universidades e a chegar, cada vez mais, à sociedade em geral. Não podemos também deixar de agradecer o apoio fundamental que temos recebido por parte dos nossos coordenadores/orientadores que nos têm ajudado e motivado ao longo de todo este processo. A nível institucional temos também de destacar a ajuda e apoio por parte da Reitoria da Universidade do Porto, em particular da UPIN (Universidade do Porto Inovação) e UPTEC (Parque Tecnológico da Universidade do Porto), onde estamos de momento em fase de incubação.



## Pedro Osório: 1939-2011

Morreu o maestro, compositor, orquestrador, chefe de orquestra e director musical Pedro Osório, nascido no Porto em 1939. Foi no passado dia 5 de Janeiro, em Lisboa, no Hospital de São Francisco Xavier, onde tinha dado entrada um dia antes, segundo fonte próxima da família, que perdeu para o cancro de que sofria há já algum tempo. O cantor e intérprete de fado, Carlos do Carmo trabalhou com Pedro Osório ao longo de quase três décadas: "Trabalhámos juntos nos anos 70, 80 e 90. Estivemos em muitos concertos. O Pedro foi nomeadamente meu pianista, chefe de orquestra e arranizador". A morte do maestro não foi surpresa para Carlos do Carmo: "Todos sabíamos que o Pedro estava gravemente doente. Ele tentou lutar contra o cancro, mas não conseguiu ganhar. É mais um companheiro que fica pelo caminho... Um dia serei eu. Vamos indo uns atrás dos outros", concluiu. Também o secretário de Estado da Cultura lamentou, em comunicado, a morte de Pedro Osório, um homem "tão multifacetado quanto exigente e empenhado em cada projecto a que se dedicava". Para Francisco José Viegas, Pedro Osório foi uma "personalidade que imprimiu sempre uma marca de contemporaneidade e modernidade na música ligeira portuguesa" e "são inúmeros os músicos portugueses que devem a Pedro Osório um pouco de tudo, desde canções a arranjos e composições, além da sua presença solidária e da sua amizade".

Conhecido do grande público pelas participações nos Festivais RTP da Canção, que venceu várias vezes como autor e orquestrador, Pedro Osório trabalhou com numerosos artistas portugueses, como Sérgio Godinho, Fernando Tordo, Carlos do Carmo, Carlos Paredes, Rui Veloso e Xutos & Pontapés. Pedro Osório foi ainda dirigente do Sindicato Nacional dos Músicos e integrou a administração da Sociedade Portuguesa de Autores. As reacções à morte do autor de «Cantos da Babilónia» chegaram também pelas redes sociais e Herman José escreveu na sua página no Facebook: "Morreu o maestro Pedro Osório, homem a quem devo o arranque da minha carreira e muitos bons momentos, como no Hermanias Especial Fim de Ano (1991), onde o grande 'Tony Silva' brilha numa genial orquestração sua, de uma versão da Rosa Lobato de Faria de uma canção histórica do imenso Fernando Tordo".

Em 1994, o Presidente da República de então, Mário Soares, condecorou-o com o grau de comendador da Ordem do Infante D. Henrique, tendo recebido posteriormente a Medalha de Ouro do Concelho de Oeiras e a de Mérito da Sociedade Portuguesa de Autores. Em 2011, o Ministério da Cultura agraciou-o com a Medalha de Mérito Cultural e o Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, condecorou-o com a comenda da Ordem da Liberdade.

## Extinção "defendeu memória de Eugénio"

Paulo Francisco Carvalho

Ex-responsáveis da direcção da Fundação Eugénio de Andrade alegam que a extinção – decretada há quatro meses – era a única solução que defendia a memória e o espólio do poeta. Perante um avolumar de problemas, principalmente financeiros – fim dos subsídios públicos e alteração da Lei do Mecenato –, jurídicos e com os herdeiros, a fundação deixou de ter meios para cumprir os seus fins e a solução passou pela sua extinção, explicaram os ex-directores numa conferência de imprensa, destinada a "esclarecer todo o processo", onde estiveram presentes figuras como Arnaldo Saraiva, Dário Gonçalves, Narciso Miranda, Duarte Correia e Paulo Samuel.

A decisão da extinção, tomada no final de 2009, foi assumida pessoalmente por Narciso Miranda. Este ex-responsável, dos últimos a entrar na Direcção da Fundação, explicou que a decisão foi tomada "tendo em conta o respeito por nós próprios e pela memória de Eugénio de

Andrade". Mas acrescentou que a proposta foi precedida de um persistente trabalho de alerta dos familiares, que viviam no mesmo edifício que alberga a Fundação.

Para o autarca, a questão de fundo é a "questão cultural" e a "memória" que está na Casa de Eugénio de Andrade. Por isso, criticou os que dão prioridade às questões habitacionais, a começar pela comunicação social, e lamentou que os arrendatários – herdeiros de Eugénio de Andrade – coloquem questões financeiras à frente de questões culturais.

O edifício e os bens de Eugénio de Andrade estão agora sob a responsabilidade da Câmara do Porto, que, à Lusa, disse não estar ainda definida "a forma como o espólio de Eugénio de Andrade poderá ser usufruído, enquanto património da cidade".

No entanto, o ex-director da Fundação Arnaldo Saraiva defende que o espólio se mantenha na residência onde viveu o poeta e que o local se transforme numa casa museu, porque o espólio o justifica.

## Bolsas na Área da Cidade e da Arquitectura

Encontram-se abertas as candidaturas para o Programa de Bolsas de Investigação na Área da Cidade e da Arquitectura, desenvolvido pela Fundação da Juventude, em parceria com a Ordem dos Arquitectos/Secção Regional do Norte. O programa é destinado a jovens arquitectos (até aos 35 anos), propondo-lhes a realização de um trabalho inédito de investigação, tendo como objecto de estudo o património arquitectónico de vários municípios parceiros (Bragança, Guimarães, Oliveira de Azeméis, Oliveira do Bairro, Paredes, Porto, Santa Maria da Feira e Vila Nova de Famalicão). Os interessados poderão candidatar-se até dia 17 de Fevereiro, em [www.fjuventude.pt/pagnoticias-394-programa-de-bolsas-de-investigacao](http://www.fjuventude.pt/pagnoticias-394-programa-de-bolsas-de-investigacao).

## Concurso para Jovens Cientistas e Investigadores

Estão abertas as inscrições para a 20.ª edição do Concurso para Jovens Cientistas e Investigadores. Desenvolvido em Portugal desde 1992 pela Fundação da Juventude (Porto), este concurso nacional pretende – segundo a entidade organizadora – "incentivar um salutar espírito competitivo nos jovens, através da realização de projectos/trabalhos científicos inovadores, integrados em processos educativos regulares, sendo atribuídos prémios aos alunos e projectos seleccionados". O concurso, cujas inscrições decorrem até 10 de Abril, destina-se a todos os estudantes a frequentar o ensino básico, secundário ou primeiro ano do ensino superior, com idades entre os 15 e os 20 anos.

## Fado e poesia em Ponte da Barca

No dia 21 de Janeiro, o Club dos Poetas Vivos e a Câmara Municipal de Ponte da Barca organizam o primeiro evento de 2012. O convívio terá início às 16 horas com a exibição do DVD «Amália canta Pedro Homem de Mello» realizado no dia em que o fado foi eleito Património da Humanidade (26/11/2011). Uma hora depois haverá lugar à apresentação do livro de poesia «Emoções» pela autora, Maria Antónia Ribeiro, e por José Couto Viana. Às 18 horas, o actor Júlio Cardoso recitará poesias da autora e o poeta António Cacho revelará algumas poesias do livro a ser lançado na Primavera. A sessão contará ainda com um lanche ajantarado (previsto para as 19 horas) acompanhado de concertinas (12 "poesias" c/ entrada no auditório incluída). Às 21 horas, no Auditório Municipal de Santo António do Buraquinho, o poeta José Augusto Rodrigues, de Arcos de Valdevez, fará a apresentação dos seus dois livros e pelas 21h45 será hora de uma serenata de Coimbra pelo Conjunto de Antigos Estudantes de Coimbra "Viana canta Coimbra". Terminada a serenata, haverá uma pequena ceia no Club dos Poetas Vivos.

## Circuito de arte

Paredes desenvolve um projecto de implantação de uma colecção de obras de arte contemporânea na cidade, através do Circuito Aberto de Arte Pública. Estender-se-á pela zona urbana consolidada do território, utilizando o património, a paisagem longínqua ou as ruas comerciais como salas de um museu aberto. Será composto por 22 obras de arte: 14 fixas, a serem desenvolvidas por criadores nacionais e internacionais, convidados e seleccionados através de concurso, e oito obras efémeras a serem criadas por artistas em relação com as comunidades.

## Encontros de Piano

A 2ª edição dos Encontros de Piano do Porto arranca no dia 19 de Janeiro com Jorge Moyano, no Auditório da Fundação Eng.º António de Almeida, pelas 21h30. Os professores Jorge Moyano, Luísa Tender (cujo concerto terá lugar no dia 19 de Abril) e Alexander Tutunov (que actuará a 29 de Novembro) orientarão masterclasses. Lovro Pogorelich actuará no dia 16 de Fevereiro, Maria José Souza Guedes dará o seu concerto a 18 de Outubro e Miguel Santana e Daniel Cunha actuarão a 24 de Maio.





## Mais um prémio para «Conto do Vento»

O filme «Conto do Vento», de Cláudio Jordão e Nelson Martins, produzido pela Filmógrafo, Cine-Clube de Avanca e Kotostudios, acaba de ser distinguido com o Prémio Melhor Filme de Animação do «Tirana International Film Festival», na capital da Albânia (Tirana). O júri da 9.ª edição deste festival, que é o mais importante do seu país, justificou assim a atribuição do prémio ao filme português: «Com uma fluidez quase cromática, o filme escava o espaço espiritual pleno de reflexões e harmonia, para o equilíbrio entre humanos e natureza». «Conto do Vento», realizado com o recurso da animação 3D, retrata uma fábula sobre uma menina e a sua mãe numa sociedade preconceituosa, algures no interior norte de uma aldeia portuguesa. Estreada no Festival AVANCA'10, onde foi distinguido, recebeu já 12 prémios em cinco países e foi seleccionado por vários festivais de cinema, nomeadamente os mais importantes da animação e do cinema de terror, como são os Festivais de Annecy (França) e Sitges (Espanha).

## Filmes e conferencistas de Avanca em Tóquio

No ano em que o Festival AVANCA 2012 comemora 15 anos e realiza a sua 16.ª edição, filmes e conferencistas que participaram no festival de 2011 reencontram-se em Tóquio no evento «Film and the Body in crisis», a decorrer durante o dia 14 de Janeiro. Sendo um festival de cinema e um simpósio, este evento é organizado pela Universidade Meiji de Tóquio, uma das maiores e prestigiadas universidades japonesas.

## Deolinda na Casa das Artes de Famalicão

A Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão entra em 2012 com uma programação vasta e diversificada. O Grande Auditório, acolhe no dia 20, o jazz pelo Filipe Raposo Trio, que apresentam o novo CD «First Falls», no dia seguinte (21) actuam os Deolinda. O teatro surge pela actriz Inês Castel-Branco, no dia 28, com a peça «As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant» de R.W. Fassbinder. Sempre às 21h30. A Casa das Artes contempla ainda exposições de pintura, entre outras acções culturais. José Manuel Almeida expõe «Variantes: O Espaço Como Método», no Foyer. Inaugurada a 16 de Janeiro, pode ser visitada até 28 de Fevereiro.

## Nova série de conversas “sobre” livros

A segunda edição de «Comunidade de Leitores» em Gondomar arranca hoje com o escritor João Luís Barreto Guimarães, que propõe para debate o livro «Poesia Reunida». No dia 1 de Fevereiro valter hugo mãe será o dinamizador da sessão, seguido, a 22 do mesmo mês, por Marta Martins. A 14 de Março é Ana Luísa Amaral a escolher a obra em debate e a 11 de Abril será a vez de João Manuel Ribeiro de revelar a sua escolha. João Teixeira Lopes dinamiza a sessão de 2 de Maio e Rosa Quiroga a última, a 23 de Maio. As sessões têm lugar na Biblioteca Municipal de Gondomar, pelas 21h30 e estão sujeitas a inscrições (15 euros pelas sete sessões e cinco por cada individualmente).

A «Comunidade de Leitores» consiste no encontro de um grupo de pessoas que se juntam, periodicamente, para conversar sobre livros, cuja leitura foi proposta pelo dinamizador.

## Inscrições para Incubadora de Indústrias Criativas

O projecto Incubadora de Indústrias Criativas Bial de Cerveira, que visa o apoio ao empreendedorismo criativo da região, deverá arrancar em Junho, sendo que as candidaturas estão abertas até 29 Fevereiro (em bialdecerveira.pt). A implementação do projecto absorverá grande parte dos recursos do Plano de Actividades e Orçamento de 2012 da Fundação Bial de Cerveira, aprovado recentemente e co-financiado pelo ON2. A Fundação salienta ainda o investimento que será realizado no reforço e consolidação institucional e da oferta cultural da Fundação na região, no fecho da 16.ª Bial de Cerveira, bem como no planeamento e promoção da 17.ª Bial de Cerveira, na gestão do acervo de arte, mas também na inserção e participação em redes e parcerias nacionais e internacionais com vista à diversificação das suas actividades. Em termos orçamentais, estão previstos gastos de cerca de 310 mil euros, sendo grande parte co-financiados pelo ON2, no âmbito dos projectos Bial-Redes 2011 e Incubadora de Indústrias de Cerveira.

## Diálogos Com a Ciência III

A terceira edição de Diálogos com a Ciência inicia-se amanhã (12 de Janeiro) com António Tavares, Bagão Félix e Silva Peneda, que falarão sobre «Que Futuro Para o Estado Social?». O Ciclo de Conferências, uma iniciativa da Reitoria da Universidade do Porto e comissariada por Vicente Ferreira da Silva, tem a segunda sessão a 9 de Fevereiro, sob o tema «Portugal e a Crise Económica: Que Fazer?» com Camilo Lourenço e José Gomes Ferreira como convidados. «Justiça Como Designio Nacional» é o tema sobre o qual Paula Teixeira da Cruz, Laborinho Lúcio e Mouraz Lopes falarão a 15 de Março. José Adelinho Maltez e Paulo Ferreira da Cunha estão convidados a falar sobre «Desafios à Constituição da República Portuguesa» a 29 de Março. No dia 19 de Abril, Leonor Beleza e Nuno encerram Diálogos com a Ciência debatendo o tema «&D: A Riqueza do Futuro». Todas as conferências têm início às 21h30, na Reitoria da Universidade do Porto, e a organização alerta para a possibilidade de alterações ao programa.

## Almedina Conta um Conto

«A Charada da Bicharada», de Alice Vieira, é o livro que marca o regresso da iniciativa Almedina Conta um Conto, ao espaço da livraria no Arrábida Shopping, Vila Nova de Gaia. A leitura encenada, dedicada aos mais jovens e animada por actores do Balletatro do Porto, realiza-se no sábado, dia 28 de Janeiro, pelas 11 horas, com entrada livre. As ilustrações do livro são de Madalena Matoso.

## Novas bandas no Casino Estoril

Com uma aposta consolidada na música ao vivo, o Casino Estoril renova, em 2012, o elenco de bandas que sobe ao palco do Lounge D. Num inédito ciclo de actuações, a banda Inbox – quinteto que interpreta covers de pop, soul, blues, rock, reggae e jazz – ainda pode ser vista até ao dia 13 de Janeiro. De 14 a 20 regista-se o regresso ao Casino Estoril de Kátia Moreira, acompanhada pelos The Soulless. Os American Songbook estreiam-se no dia 21, prolongando as suas actuações até 27 de Dezembro. Num harmonioso dueto, o vocalista Rui Oliveira e o guitarrista Anthony John apostam numa formação instrumental simples. Os Cherry Jam sobem ao palco do Lounge D, de 28 a 31 para apresentarem êxitos de rock, blues e soul.

## Hoje há «Conversas ao Fim da Tarde»

Rui Cardoso Martins será o convidado de «Conversas ao Fim da Tarde» de hoje (11 de Janeiro), às 18 horas, na Biblioteca Municipal de Coimbra. O projecto tem periodicidade mensal, nas segundas quartas-feiras de cada mês, e consiste num ciclo de encontros em que são convidadas personalidades ligadas a diferentes áreas, que se disponham a uma conversa informal partindo da sua própria experiência de vida.

## Sean Penn «encerra» Fantas

Os actores Sean Penn (Oscar de Melhor Actor em «Mystic River» e «Milk»), Frances McDormand (Oscar de Melhor Actriz em «Fargo»), Judd Hirsch (nomeado para Oscar em «Ordinary People») e Harry Dean Stanton («Paris, Texas») são os protagonistas de «This Must be the Place», realizado por Paolo Sorrentino. A comédia dramática que foi buscar o nome a uma canção dos Talking Heads (aliás, David Byrne faz um cameo) é um fervoroso exame à vida de um homem à beira do precipício. Sean Penn faz de estrela rock reformada – Cheyenne – com inspiração descarada em Robert Smith dos «The Cure». Ao saber que o pai está prestes a morrer, Cheyenne viaja para Nova Iorque na esperança de se reconciliar com o progenitor, durante as suas últimas horas de vida, mas chega muito tarde. Descobre, entretanto, a humilhação que o pai viveu em Auschwitz, durante a Segunda Guerra Mundial, nas mãos do ex-oficial da SS, Aloise Muller. Cheyenne embarca numa viagem para descobrir o homem que torturou o pai, um nazi criminoso de guerra que se esconde no interior dos Estados Unidos da América. Cheyenne renasce no contacto com as pessoas que vai encontrando e transforma a viagem numa jornada de auto-descoberta e reconciliação com a vida. «This Must be the Place» competiu no Festival de Cinema de Cannes e venceu o Prémio do Júri Ecuménico da edição 2011.

## Fundação Saramago abrirá portas na Primavera

A Fundação José Saramago, em Lisboa, abrirá portas na Primavera com uma exposição sobre a obra do prémio Nobel da Literatura 1998, disse à Agência Lusa a presidente da Fundação. «Gostava muito que quando a Fundação abrisse, houvesse música desde do castelo até à Casa dos Bicos, porque estamos a honrar um português que, apesar de já não estar connosco, nos honra a todos e porque, finalmente, a Casa dos Bicos vai deixar de ser uma dependência administrativa e vai passar a ser um espaço de fruição pública», disse Pilar del Río. Para quem a Primavera é a melhor altura para a Fundação abrir portas por se tratar de um «tempo de renascimento».

## «Ricos, Pobres, Indignados» no PortoCartoon 2012

O tema «Ricos, pobres, indignados» vai servir de mote para o PortoCartoon - World Festival de 2012. Iniciativa para a qual estão convidados os cartunistas de todo o mundo. Como se lê no Regulamento do PortoCartoon 2012, «indicadores estatísticos dizem que o mundo está a ficar mais assimétrico». Acrescenta o documento, justificando o tema: «Os ricos ficam mais ricos e os pobres aumentam vertiginosamente. A crise alarga as desigualdades. E a revolta dos 'indignados' estende-se a vários países. Com as redes sociais à mistura». Esta será a 14.ª edição de uma iniciativa do Museu Nacional da Imprensa que tem estado no pódio do cartoon mundial e que começou em 1998 precisamente com o tema das «Descobertas».



## Prémio Dom Dinis para «As Luzes de Leonor»

O romance «As Luzes de Leonor», de Maria Teresa Horta, é o vencedor do Prémio Literário Dom Dinis. Criado em 1980 pela Fundação Casa de Mateus, em Vila Real, o prémio é anualmente atribuído a uma obra literária de ficção, ensaio ou poesia. Vasco Graça Moura, Nuno Júdice e Fernando Pinto do Amaral, membros do júri, foram unânimes na escolha, publicado no passado mês de Maio pela Dom Quixote. Em «As Luzes de Leonor», recorde-se, Teresa Horta fala-nos sobre a vida de Marquesa de Alorna, Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre, neta dos marqueses de Távora, uma mulher que se salientou na história de Portugal durante o período denominado por «Século das Luzes». O Prémio Dom Dinis já distinguiu, entre outros escritores, Manuel Alegre, Agustina Bessa-Luís e Sophia de Mello Breyner Andresen. Maria Teresa Horta nasceu em Lisboa, em 1937, onde frequentou a Faculdade de Letras. Jornalista e crítica literária, estreou-se na poesia em 1960, com «Espelho Inicial», tendo participado, no ano seguinte, no volume «Poesia 61», com Tatuagem. Em 2004, foi condecorada pelo então Presidente da República, Jorge Sampaio, com o grau de Grande Oficial da Ordem do Infante Dom Henrique. A Dom Quixote fez saber ainda que o novo livro de poesia de Maria Teresa Horta, «As Palavras do Corpo - Antologia de Poesia Erótica», será publicado no próximo mês de Fevereiro pela editora.

## Janeiro: o mês de valter hugo mãe no Quintas

O ciclo poético Quintas de Leitura celebra 11 anos em 2012 e prepara uma grande festa da poesia, agendada para a sessão de Fevereiro. Mas antes há ainda valter hugo mãe na sessão de Janeiro, até porque já vai sendo tradição. Das suas oito participações no ciclo, sete consecutivas aconteceram em Janeiro. Será no dia 26 e a promessa é voltar a surpreender e provocar com os seus textos e fotografias sobre as Caxinas, porto piscatório onde habita. Na sessão intitulada «Caxinas Hardore - A

Sequela» fará leituras na companhia de Isaque Ferreira, João Rios e Ana Zanatti. Luís Guerra, considerado pela revista Dance Europe como um dos melhores bailarinos do mundo, abrilhantarà a festa apresentando o solo «A primeira dança de Urizen». A noite fecha com um concerto dos Peixe: Avião, uma das bandas preferidas de valter. Está ainda prometida uma performance-surpresa e a participação especial de João Lima, músico dos O'questrada, que tocará guitarra portuguesa, pontuando as leituras.

## Theatro Circo de Braga aposta no nacional

Os Clã apresentam o trabalho «Disco Voador» através do «Espectáculo para Supernovos» no dia 28 de Janeiro, às 21h30, no Theatro Circo de Braga que este ano aposta na produção nacional. Com uma forte dimensão cénica e assumidamente destinado a todos os públicos, «Disco Voador» distingue-se pela evidente inspiração no imaginário infante-juvenil que deu origem a temas compostos por Hélder Gonçalves. A voz continua a ser de Manuela Azevedo e as letras são da autoria de Regina Guimarães. Para além da reposição de «Jardim», de 17 a 21 e de 24 a 27, às 21h30, de Alexej Schipenko, pela Companhia de Teatro de Braga, em Janeiro as artes dramáticas marcam presença na sala principal com «O Homem e o Urso», a 13 de Janeiro, às 21h30. Entre outras propostas, o cinema vai continuar a ser às segundas-feiras e a 16, 23 e 30, às 21h30, será exibido, pela primeira vez em Braga, o ciclo Cremaster do artista conceptual americano Matthew Barney, que esteve recentemente no Lisbon & Estoril Film Festival.

## «Personificcionar II» no Tribeca

No dia 17 de Janeiro, pelas 22 horas, Renato Diz e Helena Martins apresentam o espectáculo «Personificcionar II», no Tribeca, no Porto. Será «uma noite de personagens narradas e música desamarrada, num ambiente intimista». A promessa é da Cordão de Leitura, que organiza a sessão.

## «Du Don de Soi» no teatro Viriato

O Teatro Viriato, em Viseu, inicia o novo ano com a apresentação, 20 e 21 de Janeiro, de «Du Don de Soi», uma criação de Paulo Ribeiro alicerçada no universo cinematográfico de Andrei Tarkovsky para a Companhia Nacional de Bailado. Esta peça foi considerada a melhor peça de dança de 2011, entre todas as que foram apresentadas em Portugal.

## Uma vida que merece ser contada

“Esta obra é uma longa entrevista, mas não é uma biografia. É um texto vivo, saltitante, que percorre muitos dos momentos decisivos de uma vida que merece ser contada, mas também da nossa História contemporânea, que merece ser revivida através de um olhar que não se refugia em fórmulas vagas e politicamente correctas”. «Daniel Serrão – Aqui diante de mim» é um livro da autoria de Henrique Manuel S. Pereira, editado pela Esfera do Caos.

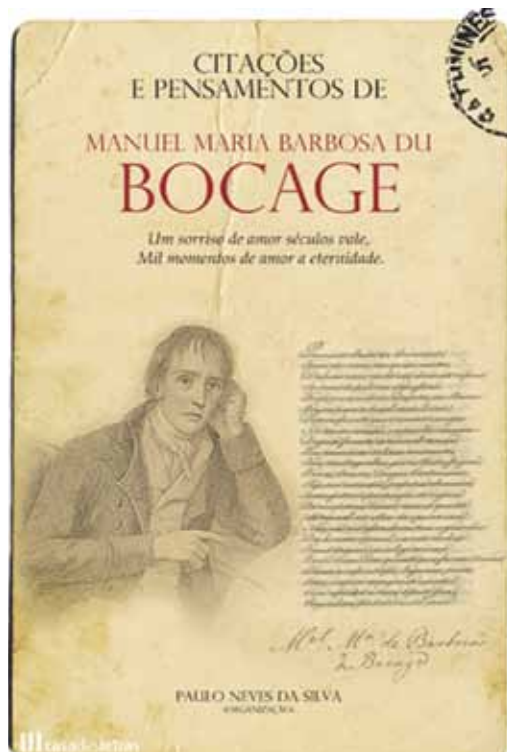


## Crónicas reunidas

«Os meus vícios», um livro de João Medina, reúne uma série de crónicas publicadas na imprensa, textos a que se somaram dois grupos de inéditos. “Quando partires em viagem para Ítaca / deseja que o caminho seja longo, / cheio de aventuras, cheio de experiências (...) / Mantém sempre Ítaca no teu espírito. / Chegar ali é o teu destino (...)”.

## Momentos mais expressivos

«Citações e Pensamentos de Manuel Maria Barbosa du Bocage», de Paulo Neves, apresenta 180 citações, 75 reflexões e pensamentos e 100 sonetos. Trata-se de uma colectânea com os momentos mais expressivos da obra do poeta. Mais que o expoente dramático da prosa em poesia, mostra como é possível chegar ao íntimo do sentir do coração das mais variadas formas e extrair as mais belas palavras, capturando o instantâneo e immortalizando-o vezes sem conta.



## A voz de todos os adolescentes

«Rumores Adolescentes (ou quase)» é um livro de poesia da autoria de António Oliveira, que conta com ilustrações de Emerenciano. O autor, que é professor, explica no prefácio que estes versos “nasceram do encontro entre mim e aqueles adolescentes que me acompanharam no dia-a-dia das aulas”. E acrescenta que “neles plasmei a voz de todos os adolescentes, comungando com eles a paixão que lhes transborda o sangue”.



## Homenagem a Eugénio Lisboa

«Eugénio Lisboa: Vário, Intrépido e Fecundo – Uma homenagem» reúne 70 contributos de antigos alunos, colegas, amigos, leitores, admiradores e editores de Eugénio Lisboa. Estes contributos assumem diversas formas de expressão escrita: ensaios, poemas, cartas e testemunhos. O livro, organizado por Otilia Pires Martins e Onésimo Teotónio Almeida, foi editado pela Opera Omnia. A iniciativa foi da Universidade de Aveiro.



## Poesia de Minês Castanheira

«Nunca o Mar» é o novo livro de poesia de Minês Castanheira, publicado pela Bairro dos Livros. O prefácio é assinado pelo poeta Nuno Hígino e Nuno Neto é o autor das ilustrações. Para além da introdução, a obra conta com oito poemas.

